3 1761 06680363 6

RIEF
PQD
023058

# A CHAVE DE OIRO

DRAMA EM 5 ACTOS

POR

J. RICARDO CORDEIRO JUNIOR

---

Representado pela primeira vez no Theatro da Trindade
em 21 de Março de 1868

Tilda Consuelo

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA
1871

*A propriedade d'este livro pertence no Imperio do Brazil, ao Ill.mo Snr. Bernardo Pinto de Carvalho, do Rio de Janeiro, rua de S. Pedro, n.º 194.*

Brasil
(RJ)
0023058

No livro de Octave Feuillet *Scènes et proverbes* que se compõe de uma série de pequenos romances, em parte escriptos sob a fórma narrativa, em parte sob as fórmas dialogica e epistolar, ha um intitulado *La clef d'or*. D'esse romance se inspirou o drama que hoje se publica, conservando em portuguez o mesmo titulo. Sendo a composição primitiva quasi toda escripta em cartas, e tendo um desenlace baseado na extrema semelhança de dois individuos, circunstancia impossivel de reproduzir com verdade no theatro, foi necessario, para a contextura do drama, fazer-lhe largas e profundas modificações, escrevendo de novo a maior parte das scenas, introduzindo outros personagens, e

desenvolvendo a accão de uma maneira inteiramente diversa. A pezar d'isso, porém, a idêa fundamental do drama pertence ao eminente escriptor, que é uma das glorias mais brilhantes e mais puras da litteratura franceza. O author faltaria a um dever de consciencia e de lealdade, se deixasse de o declarar n'este logar.

Maio, 1871.

# PESSOAS

| | | |
|---|---|---|
| D. Sophia de Castro e Menezes..... | Snr.as | Emilia Adelaide. |
| Joanna, sua aia ..... | » | Delphina. |
| Guilherme Vasconcellos de Menezes | Snrs. | Tasso. |
| Jorge Augusto da Silveira..... | » | Almeida. |
| Lourenço de Athayde..... | » | Bayard. |
| Luiz, criado..... | » | N. N. |

A acção passa-se na Provincia. Actualidade.

# ACTO PRIMEIRO

Um jardim com arvores frondosas, e grandes maciços de verdura. Do lado esquerdo um torreão, que deve figurar o angulo de um velho palacio acastellado, com uma janella illuminada e uma porta que abre para o jardim, em cujas sombras vem morrer os reflexos das luzes de dentro do palacio. É noite de nupcias. Ao levantar o panno, ouvem-se sons frouxos e longiquos de uma orchestra de baile.

---

## SCENA I

JOANNA E LUIZ

*(Ella sentada em um banco do jardim. Elle de pé, falando-lhe com respeito)*

**Luiz**

É portanto um negocio concluido.

**Joanna**

Ou começado agora! Quem sabe! O nosso padre prior disse o que tinha de dizer, é certo; mas será o bastante para a felicidade? Deus o dirá...

**Luiz**

Bem se deixa vêr, n'essas palavras, que a sur.ª Joanna não está contente.

**Joanna**

Eu! Porque motivo o não hei de estar? A noiva julga-se feliz; o noivo felicissimo, apesar de o não parecer... faço como elle, escondo a minha alegria.

**Luiz**

Dar-se-ha caso que não lhe agrade o noivo?

**Joanna** *(com ironia)*

Pois não me ha de agradar. É impossivel vêl-o sem se ficar morrendo de amores. Não é um provinciano, como nós. Nasceu na cidade e de lá veiu. Terás que lhe notar?

**Luiz**

De tal Deos me defenda. Com verdade se diga, que é um guapo e formoso rapaz.

**Joanna** *(levantando-se)*

Quem diz o contrario?.. vistoso e lindo como um pavão.

Luiz

Se pensa assim, não vejo porque motivo lhe ha de querer tão pouco bem. Pois não o tem achado sempre cortez e bondoso?

Joanna

Sim, sim, cortezia affectada, bondade que repelle em vez de metter a gente no coração. Não é como a da menina *(rompendo subitamente em chôro)*. Ai! pobre da minha menina! Em má hora lhe appareceu a tentação do demo. *(Com energia)* É uma infamia... é uma infamia o casamento!

Luiz

Que está dizendo, snr.ª Joanna?..

Joanna

Bem sei o que digo. Permitta Deos que me engane. Mas não posso, não sei ageitar-me a estas modernices. No meu tempo as coisas eram de outro modo. Um noivo não caía assim das nuvens, como uma chuvada de graniso sobre um laranjal em flôr. Ha um anno, nem tanto sequer, que a menina viu o homem que é hoje seu marido. E um anno que fosse... o que valeria?.. D'antes era só no fim d'esse tempo que se recebia a primeira flôr... Agora basta um dia... uma

hora... um instante... Parece que lhes foge a vida... que vae acabar-se o mundo. Oh! malditas pressas...

**Luiz**

Não se afflija assim; tenha mais confiança em Deos, que ha de fazer feliz o anjo por quem pedem tantos pobres e desgraçados. Quer saber, quer que lh'o diga? Quando a vi esta manhã, vestida toda de branco, com o véo e as flôres de larangeira na cabeça, pareceu-me vêr uma santa das que estão nos altares da nossa igreja em dias de festa. Não sei porquê, vieram-me as lagrimas aos olhos. Ajoelhei e rezei por ella.

**Joanna**

Foi um aviso do coração.

**Luiz**

Seria, talvez fosse. O certo é que n'aquelle momento odiei o homem que lhe dava o braço. Afigurou-se-me que não era digno d'ella.

**Joanna**

E não te enganaste.

**Luiz**

Mas como sabe?

**Joanna**

Como? Vou dizer-t'o. *(Olhando para dentro do torreão)* Agora não, que ahi vem a nossa menina.

**Luiz**

Ella!.. Deixe-me ir que não poderia vêl-a a olhos enxutos.

---

## SCENA II

OS MESMOS E D. SOPHIA

*(Sáe da porta do torreão, depois de olhar para o jardim, vê Joanna, e dirige-se a ella)*

**D. Sophia**

Bem me disseram que te encontraria aqui. Onde tens estado escondida toda a noite? Parece que foges de mim.

**Joanna**

Eu... pois póde suppôr?..

**D. Sophia**

E o Luiz tambem... Onde vaes?.. dar-se-ha caso que lhes metta mêdo?..

Luiz *(voltando-se)*

Oh! minha senhora!

D. Sophia

Cuidam que mudei do que era? Para ti, o mais antigo criado d'esta casa, e para a minha bôa Joanna, serei sempre a mesma, apesar da minha felicidade.

Luiz *(meio triste)*

E é grande a felicidade da minha querida ama?

D. Sophia

Não póde ser maior.

Luiz *(com alegria)*

Louvado seja Deos!

D. Sophia

Obrigada Luiz, obrigada... Agora vae, deixa-nos por um instante.

Luiz

Ainda um favor. Permitte que lhe offereça o meu presente de noivado?

D. Sophia

Com a melhor vontade... quando quizeres.

Luiz

Ainda esta noite... ao acabar o baile.

D. Sophia

Pois sim. Adeus. *(Luiz sáe vagarosamente, olhando para Sophia com respeitoso affecto.)*

---

## SCENA III

JOANNA e D. SOPHIA

D. Sophia

A final estamos sós. Queria dizer-te um segredo. *(Pegando-lhe nas duas mãos, com enthusiasmo)* Ouve minha querida amiga: sou feliz!

Joanna

Sempre assim o diga.

D. Sophia

Necessitava desafogar o coração. Morreria se não podesse dizer a alguem: sou feliz, muito feliz.

Joanna

Deus a ouça.

D. Sophia

E a quem havia de confessal-o senão a ti, minha Joanna? Sabes quanto sou tua amiga. Seria bem ingrata se o não fosse. Durante vinte annos me tens consagrado toda a tua vida. Desde o berço me serviste de mãe... Por isso te amo... por isso devias ser tu a primeira pessoa a quem eu confessasse o meu amor, e a minha felicidade.

Joanna *(commovida)*

Minha filha... minha querida Sophia... obrigada... mil vezes obrigada...

D. Sophia

E ainda bem que é aqui, n'este logar, debaixo d'estas arvores, que posso dizer-te os meus segredos. Sabes por que?.. Vê se adivinhas... Não te lembras, e todavia não ha ainda um anno. Parece-me que foi hontem...

Joanna

Sim... sim... agora me vou recordando...

D. Sophia

Foi ao caír da tarde. Tinha-me assentado n'este banco, e não sei que vaga tristeza me preoccupara por tal modo o espirito que não me apercebi da tua chegada. De pé, immovel, fixando em mim os olhos humidos de lagrimas, disseste-me entre suspiros: «Chegou a hora; o seu coração vae deixar de me pertencer».— Depois, vindo para o meu lado, e entre mil caricias, continuaste: «Repare bem, veja se esta hora lhe falla de amor?..»

Joanna *(rindo)*

Por tal signal, que as minhas palavras lhe pareceram brutaes.

D. Sophia

Não o nego... Ainda hoje não poderia dizer, como soubeste adivinhar o que se passava no meu coração.

Joanna

Grande milagre...

D. Sophia

Não seria, concordo, o certo é que fiquei por tal fórma perturbada que, para me restituires o animo, acrescentaste: «Creança, não é nenhum peccado o amor; desejo apenas saber quem lh'o inspirou?» — Como poderia responder, minha Joanna, se eu não amava ninguem... A verdade é que me sentia outra, inteiramente outra do que era d'antes. Não sei que desconhecidos horisontes se me haviam rasgado em volta do coração. Não sei que luminosas visões me appareciam, e me falavam, sem que eu ousasse responder-lhes. E comtudo a fascinação era tão forte, que m'as fazia procurar aqui, na sombria espessura d'estes arvoredos. Ás vezes, como acordada de subito nos meus sonhos, sentia uma dôr horrivel... apertava então contra o peito as flôres que pouco antes havia colhido, e orvalhava-as com as minhas lagrimas... Amava, agora o vejo, mas vaga, indefinidamente...

Joanna

Era a approximação do perigo ainda ignorado. Lembro-me até de que fui eu quem lhe expliquei os indicios.

D. Sophia

Creio que, mesmo semti, os teria adivinhado. Nos meus sonhos, entre os phantasmas que me salteavam havia um de cujo aspecto eu tinha maior temor, e to-

davia era exactamente esse o que mais frequentes vezes evocava do meio das sombras. Os seus olhares pareciam prometter quantos sentimentos generosos póde a mulher desejar n'um esposo adorado... a bondade, a intelligencia, a honradez de caracter!.. A par d'isto, deixava adivinhar as sombras de um grande pezar, que só de mim esperava consolação... Era assim o ente imaginario que me estendia a mão, que me enlevava a alma deslumbrada por tanta luz. Quando t'o descrevi, respondeste: «Deus realise esse sonho» Foram ouvidas as tuas preces. O sonho divino, o phantasma adorado, existe, vive, ama-me, é meu marido!.. Era isto o que eu queria dizer-te; a ti e a todos os confidentes das minhas visões... a estas arvores... a estas flôres... á noite... ás estrellas... Vê!.. repara que céo tão sereno, que branda aragem, que suave perfume!.. Oh! como Deus é bom, e como eu te amo, Joanna!..

Joanna

É o estribilho... por agora... depois...

D. Sophia

Agora e sempre. Hei de amar-te sempre, não tanto como a elle, por certo, mas...

Joanna

Alguma coisa. Seja. Não me hei de queixar. Só

uma recommendação farei, e peço-lhe que não a esqueça. Ame seu marido quanto lhe aprouver, mas não lh'o diga, pelo menos com esse enthusiasmo...

D. Sophia

Que lembrança! Como queres que eu seja tão franca com elle, se mal ainda o conheço, apesar de estarmos casados. É um tanto singular... não é? Mas que regosijo não será a nossa intimidade que, levantando o véo que um ao outro nos encobre, irá a pouco e pouco ligando as nossas almas até d'ellas duas fazer uma só alma!.. Em quanto a mim, estou bem certa que o futuro risonho, hoje começado, ha de confirmar a minha escolha. E por elle... não vás agora julgar-me vaidosa... mas creio que o meu coração guarda taes segredos, que meu marido, quando os houver advinhado, ha de abençoar a hora em que me viu.

Joanna

Ainda assim, se quer que lhe diga, achei n'elle uma certa friesa durante o casamento...

D. Sophia

Que querias? Vêl-o chorar como uma senhora? Forte reparo! Confessa antes a verdade; confessa que tens ciumes de meu marido.

Joanna

Póde ser... não o nego... mas... *(fazendo signal de silencio)* pss... pss... *(Ouve-se bulha de vozes e de passos, que se approximam.)*

D. Sophia *(a Joanna)*

Vamos embora.

Uma voz *(a alguma distancia)*

Que idade tem ella?

Outra voz

Vinte annos.

D. Sophia *(baixo, com vivacidade a Joanna)*

É elle!.. É a voz de Guilherme...

Joanna

Vamo-nos.

D. Sophia

Não, não... espera ahi...

A primeira voz

É encantadora...

A segunda voz

É!

Joanna

Dirigem-se para aqui... vamos... vamos...

D. Sophia

E fallam de mim!.. Se eu podesse ouvir. Que mal haveria?.. É meu marido... decididamente... esconder-me-hei... alí, por detraz d'aquelle roseiral... Vem Joanna, vem commigo. *(Impelle Joanna, e escondem-se por detraz de um maciço de verdura, á direita.)*

---

## SCENA IV

GUILHERME E JORGE NA SCENA

*(D. Sophia e Joanna escondidas pelo maciço de verdura)*

Jorge

Onde se sumiria a tua noiva?

Guilherme

Ignoro... Deixei ordem para me avisarem quando ella voltasse ás salas... Temos tempo para conversar aqui, longe do whist e das walsas.

Jorge

Admiro sinceramente a tua indifferença. Por mim, se houvesse casado com uma senhora tão formosa, fugiria do mundo para ir encerrar-me com ella n'uma torre...

Guilherme

Encantada?..

Jorge

Não digo tanto; mas, pelo menos, inacessivel a todas as vistas.

Guilherme

Seria um suicidio como qualquer outro ou talvez mais rapido. Assenta-te n'este banco e conversemos. *(assentam-se)* Achas realmente encantadora a minha noiva?

Jorge

Ouve e não te rias do meu enthusiasmo. No dia em que salvaste a vida a meu irmão, pedi a Deus, com

o fervor das orações nas horas de perigo, que te retribuisse em felicidade a minha immensa divida de gratidão...

Guilherme *(pegando-lhe na mão)*

Que generosa alma!

Jorge

Deus ouviu-me. Quando esta manhã, sob as abobadas sagradas da velha ermida d'este palacio, a tua mão se uniu para sempre á do ente adorado que esperava tremula de alegria a benção do sacerdote, senti não sei que indefinivel commoção de prazer, conheci que a minha divida estava satisfeita, que o meu voto pela tua felicidade havia sido excedido.

Guilherme *(com frieza)*

Não vejo rasão para tanto. Sophia é na verdade formosa e gentil; a tua imaginação, porém, exagera o que nada tem de extraordinario.

Jorge

Esse fingimento é escusado commigo. Confessa antes o que é naturalissimo, confessa que adoras a tua noiva.

Guilherme

Sério, sério, Jorge... Tens-me visto por acaso dar algum indicio de loucura?

Jorge

Pois não é natural que a adores, se é tua esposa?

Guilherme

Mas d'onde vens tu, meu amigo? De que paiz ignorado, de que mundo fabuloso? A Africa, onde habitaste tres annos, não basta para explicar a singeleza primitiva, a innocencia montesinha, a fossil moral que ha uma hora estás prégando, com sincero espanto dos meus ouvidos. A Arcadia já não existe, meu amigo. Daphné morreu... escusas de me accusar porque não fui eu que a matei... mas posso afiançar-te que está morta.

Jorge *(com impaciencia)*

Para que casaste então se a não amavas?

Guilherme

Exactamente por não a amar é que casei. A rasão é simples. O amor não tem já segredos para mim, conheci, advinhei, decifrei-os todos até á saciedade. Não poderia recomeçar, agora que tenho trinta e tantos an-

nos... Attende, e guarda a tua indignação para quando te houver contado tudo. Haverá seis mezes que vim pela primeira vez a esta provincia examinar as propriedades, que herdei de meu tio materno. Da encosta, onde estão situadas as ruinas do velho solar de minha familia, descobre-se todo o valle e na encosta fronteira, quasi sobre a crista da montanha, este antigo palacio cercado de extensos e formosissimos bosques. É uma perspectiva encantadora. Perguntei ao meu feitor quem aqui habitava; disse-me elle ser uma familia ainda aparentada com a minha, e fazendo o elogio de Sophia, cujas virtudes eram geralmente proclamadas por todos os povos da cercania, acrescentou que os seus rendimentos orçavam por seis contos de reis, o que, com certeza, havia de concorrer para ella não ficar solteira. Era, como podes imaginar, uma discreta insinuação. Foi este o prologo do drama pastoril ao desfecho do qual acabas de assistir.

Jorge

Nunca serás capaz de me convencer que sómente essas miseraveis considerações te resolveram ao casamento.

Guilherme

Por certo que não. Em primeiro logar pensava já em casar-me; o que te contei, influiu apenas para fixar as minhas idéas e dirigir as intenções antigas com um certo e determinado fito. Além d'isso, espero que

me acredites, teria desistido do intento, se não houvesse encontrado em Sophia os dotes de intelligencia e de coração que me dão esperanças de lhe poder consagrar o affecto suave e tranquillo, que todo o homem honrado deve á mãe de seus filhos.

Jorge

Ainda assim enganastel-a e não fizeste bem.

Guilherme

Em quê... em que a enganei?

Jorge

Pois não vês que a tua noiva, em toda a florescencia da sua primavera, ha de esperar de ti um outro sentimento bem diverso d'esse affecto sem enthusiasmo e sem paixão?

Guilherme

E o que ha de, o que póde ella esperar? A sua educação provinciana não lhe terá deixado antever as exaltações romanticas.

Jorge

Desgraçado... Não pensas que qualquer mulher aos vinte annos, e muito mais se foi educada nos re-

galos da opulencia, tem sonhado em construir no seio das nuvens o seu palacio nupcial?

Guilherme

E quando assim fosse?.. Deveria por esse motivo esperar o fim dos meus dias na solidão do celibato?

Jorge

Que atroz egoismo! *(Levanta-se com impeto; no mesmo instante Guilherme, abaixa-se e indica procurar no chão alguma coisa que lhe caira.)* Que procuras?

Guilherme

Nada... nada. Já achei! *(levantando-se)* Aqui tens. Vê, sé fôres capaz de vêr. É uma chave de oiro; uma chave microscopica. Deu-m'a esta manhã Sophia, em segredo, e com modos solemnes... deve ser coisa preciosa. Teria de bom grado dispensado a lembrança. Incommodam-me estas ninharias.

Jorge *(como retirando-se)*

É de mais... adeus.

Guilherme

Que modos meu amigo. Onde vaes? Dar-se-ha caso que te escandalisasse?

Jorge

Não; mas fazes-me soffrer. Ha quinze annos que és o meu melhor amigo, devo-te finezas, serviços, a propria vida de meu irmão, pois, ainda assim, creio que tudo esqueceria, mesmo o teu sangue derramado por minha causa, se continuasse a ouvir-te tratar os mais generosos sentimentos do coração feminino com essa impudencia de libertino.

Guilherme *(gracejando)*

São na verdade magnificos estes homens do mar. Têem a ingenuidade dos primitivos tempos.

Jorge

Cala-te... escuta... não te pareceu ouvir passos?..

Guilherme

É talvez alguem que me procura.

Jorge

Não... não... foi engano.

Guilherme

Ainda assim, tem sido grande a ausencia. Vamos... Resignação e valor... Entremos outra vez nas salas...

**Jorge**

Entremos... A presença da tua noiva ha de inspirar-te outros sentimentos.

**Guilherme**

Talvez... mas não creio... *(Sáem os dois.)*

---

## SCENA V

D. SOPHIA E JOANNA

*(Saíndo detraz do maciço de verdura onde têem estado escondidas)*

**D. Sophia** *(pallida e como aterrada; chega ao meio da scena, lança os olhos na direcção que tem seguido Guilherme, volta-se e vem caír nos braços de Joanna)*

Como eu sou desgraçada, meu Deus!..

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

# ACTO SEGUNDO

Um gabinete pertencente aos aposentos de Sophia. Mobilia rica, elegante e disposta com esmero, que denuncía mão feminina. Porta ao fundo, portas lateraes, dando uma para os quartos de Sophia, outra para os de seu marido.

---

## SCENA I

D. SOPHIA E JOANNA

*(Sophia, com o vestuario de baile do primeiro acto, está como prostrada n'uma cadeira, Joanna de pé junto d'ella revela signaes de impaciente colera)*

**D. Sophia**

Depressa se esvaeceu o sonho... É triste esta realidade!

**Joanna**

Bem m'o dizia o coração.

**D. Sophia**

Quem podia suppôr, meu Deus! Um tal fingimen-

to... uma tão grande hypocrisia!.. Não, não é possivel, enganei-me, enganaram-me as palavras que ouvi; algum espirito maligno as inverteu... Que horrivel pesadelo!..

Joanna

Nossa Senhora nos valha... tenha animo... então que é isso!.. *(Afagando-a ao lado d'ella.)* Não estou eu aqui?

D. Sophia

Descança. Hei de ter animo. É o coração que ainda me quer enganar... Seria muito... Sei, tenho a certeza, ouvi... prouvera a Deus que não... ouvi, ouvimos tudo Joanna... Não é verdade?..

Joanna

Desgraçadamente é bem verdade. Não ha que duvidar. Illudiram-n'a, foi illudida a minha pobre filha... A mim é que não poderam enganar-me, não sei que nuvem negra me andava sempre diante dos olhos desde o começo d'este maldito amor.

D. Sophia

E eu que não quiz ouvir-te... que não acceitei os teus conselhos, quando ainda era tempo. Bem casti-

gada estou. Perdôa... Tem compaixão de mim. Que farei, o que ha de ser a minha vida erma das suaves visões dos meus dias de crença e de amor?

Joanna

Quem póde saber do futuro. Por agora sei, conheço o seu coração; ha de repellir a affronta, estou certa, ha de vencer as tentações da serpente sejam quaes forem os seus artificios.

D. Sophia

Seguramente. Tens-me dito, mais de uma vez, que o sangue de minha mãe me gira nas veias. Vejo que não me enganavas. Embora seja cruel a resolução, que a dignidade me impõe, hei de cumpril-a. Passaram as hesitações e os receios. Foi só um instante de fraqueza.

Joanna

Ainda bem. Sempre o esperei.

D. Sophia

Diante de ti tens uma mulher que poude ser illudida, mas que não será humilhada. Já que a sórte me preparou a luta, hei de lutar; succumbirei talvez... Que importa? Em certas circumstancias a morte é um beneficio.

Joanna

Deus a acompanhe e illumine. As desgraças acabam mais a gente do que os annos. Sei que não hei de viver se a felicidade não voltar a esta casa.

D. Sophia

Acredito, minha boa Joanna. Os thesoiros do teu affecto são inexgotaveis. Não os desbarates, que todos hão de ser poucos para os dias de tristeza que me esperam. Adeus, minha boa amiga. É tarde... é a hora... deixa-me.

Joanna

Um abraço e um beijo, como d'antes. *(Abraçam-se e beijam-se. Joanna entre lagrimas.)* Infelizmente já não posso dizer-lhe: —«boa noite...»

D. Sophia

Não me atormentes com essas lembranças... adeus... adeus... *(Joanna sáe.)*

---

## SCENA II

SOPHIA *(só)*

*(Encaminha-se serena e grave para defronte de um espelho onde pára. Começa a tirar as joias que a adornam e vae-as lançando no cofre)*

Tenho medo, agora que estou só. Se ainda fosse possivel?.. Não, não... seria uma indignidade, depois do que ouvi. Oh! minha mãe, oh santa que me vês, tu que nunca vacillaste no caminho angustioso da tua existencia, ampara-me, anima-me, dá-me forças n'este transe!.. *(Tirando do cofre uma cruz.)* Transmitta-me esta cruz, na qual exhalaste o teu ultimo suspiro, a nobresa d'alma que sempre te engrandeceu... *(Um leve signal, com os nós dos dedos na porta da direita, fal-a levantar sobresaltada e toda tremula. Fica parada e indecisa, olhando para a porta com terror.)*

## SCENA III

D. SOPHIA E GUILHERME

**Guilherme** *(ainda de fóra da porta, e alguns instantes depois de ter batido)*

Dá licença?.. *(Entrando; Sophia mal o vê, com os olhos baixos, recúa alguns passos, por um movimento involuntario.)* Foge de mim Sophia!.. Causo-lhe receio?

**D. Sophia** *(levantando os olhos e fixando-o)*

Nenhum...

**Guilherme**

Parece... e com rasão só eu devo receiar. Tanta juventude e tanta belleza inquietam-me... Sabe que hei de ser muito ciumento... Que olhar!.. *(pegando-lhe na mão)* Está tão pallida e tremula!.. O que tem criança?..

**D. Sophia**

Nada... que havia de ter...

**Guilherme** *(conduzl-a vagarosamente para um sophá, sorrindo e acariciando-a. Elle assenta-se ao lado)*

Perante Deus e perante os homens, é minha esposa, Sophia. Não terá o seu coração confirmado este santo enlace? Diga?..

**D. Sophia**

Antes, deixe-me perguntar-lhe: ama-me?

**Guilherme** *(sorrindo sempre)*

Será tão modesta ou tão desconfiada que o não acredite?.. Pois não vê que bastou um instante para me deixar prender pelos seus encantos, e que não bastará a minha vida inteira para resgatar a liberdade perdida...

**D. Sophia**

Quer dizer com isso que me ama; não é verdade?

**Guilherme** *(fitando-a meio desconfiado)*

Com certeza; amo-a, mais, muito mais até do que julguei possivel...

**D. Sophia**

Porque motivo sorri então?.. Porque não m'o diz com seriedade?..

Guilherme

Com ternura e seriedade lh'o repito: Sophia, amo-a... Como quer que lh'o jure?..

D. Sophia

Ainda bem. Ao menos é delicado. Tem esse merecimento. Quiz vêr como um homem sabia mentir; estou satisfeita. Largue... peço-lhe que me largue a mão... *(Guilherme levanta-se vagarosamente fixando em Sophia o olhar indagador. Ella continúa.)* Caíu finalmente a mascara. Ainda lhe não tinha visto o rosto.

Guilherme *(com vehemencia)*

Está louca, Sophia?..

D. Sophia *(serena e triste)*

Não estou, descance. Nunca na minha vida senti tanto socego de animo. Faça diligencias de imitar-me Ouvi, não ha ainda uma hora, no jardim, a conversação que teve com o seu amigo. Foi por certo uma indiscrição; não podia julgar, porém, que tivesse tão graves consequencias. O clarão sinistro que me illuminou a alma foi inesperado; lamento o acaso que m'o deixou vêr, mas não poderia agora fechar-lhe os olhos. O despreso por mim propria seria invencivel, se o meu

procedimento n'esta conjunctura não fosse inteiramente diverso da cega obediencia que lhe havia jurado.

Guilherme *(passeia agitadamente, parando de vez em quando diante de Sophia)*

E agora, o que quer fazer? Quaes são os seus planos?

D. Sophia

Como póde imaginar não conheço leis. Respondame francamente: haverá meios de renunciar a este casamento; poderei, sem deshonra, appellar para os tribunaes?

Guilherme

Não sou competente na especialidade: o que posso, porém, afirmar-lhe é que quaesquer diligencias n'esse sentido terão uma publicidade vergonhosa.

D. Sophia

E todavia o nosso casamento é uma irrisão, um acto nullo...

Guilherme *(parando, com resolução)*

Que obstinação é esta, Sophia?.. Quem lhe inspirou tão extravagantes idéas?..

D. Sophia *(com doçura e gravidade)*

Não é só n'esse ponto que o seu immenso orgulho me julga erradamente. Não foi necessario interprete, para que eu comprehendesse tudo. Apesar dos annos, sou menos ignorante do que lhe aprouve imaginar.

Guilherme *(com ironia)*

Sim!.. Qual foi a fada que a iniciou nos segredos da existencia?

D. Sophia

A fada... já que essa denominação lhe quer dar... bem a conhece. Tem-n'a visto muitas vezes sem talvez fazer reparo.

Guilherme *(com desdem)*

A sua aia?.. Pobre mulher.

D. Sophia

Foi ella. Foi essa pobre mulher, que eu estimo e venero, quem me educou e me serviu de mãe. Á inteireza da sua alma, á rude sinceridade do seu coração, devo talvez a indole firme e resoluta da qual n'este instante lhe estou dando provas. A sorte completou-me a educação. Ha muitos annos já, que a decrepitude do unico parente que tenho me impôz as responsabilida-

des da administração d'esta casa. Apesar do encargo não ser o mais apropriado para o meu sexo e para a minha idade, contraí no exercicio d'elle uns certos habitos de sisudez, que me obrigaram a pensar e a ter idêas firmes ácerca de muitas coisas... Está admirado? Que triste opinião faz do nosso sexo?.. Não ha mulher, na minha idade, que não dissesse o que lhe estou dizendo... se tivesse valor... e que não fosse capaz de soffrer quanto eu soffro... se Deus lhe houvesse reservado tão grande tormento.

Guilherme *(com doçura)*

Raciocinemos um tanto. Na sua idade, Sophia, tudo se exagera. Supponha que na conversação, que um innocente acaso lhe fez ouvir, eu tinha dito a verdade... ainda assim, julga ser victima de alguma desgraça inaudita? Na mulher todas as illusões da juventude e do amor, no homem todos os desenganos da experiencia, são as condições geraes em que se encontram a maior parte dos conjuges. Diz-se até, e com certas apparencias de rasão, que a differença de idades e de sentimentos é uma garantia de felicidade futura... *(Sophia sorri)* Está rindo?..

D. Sophia

Da explicação; não do mais, que é infelizmente bem sério.

**Guilherme** *(com um movimento de enfado)*

Será... O mundo, porém, é assim; não conseguirá emendal-o.

**D. Sophia**

Embora seja verdade o que diz, depende só da minha vontade não seguir as indicações do mundo. Acredite que não hei de seguil-as.

**Guilherme**

Não lhe direi que faz bem. O que lhe acontece não é um caso excepcional. Todas as senhoras que casam têem tido sonhos de infancia; a realidade no começo desagrada-lhes, com o tempo porém resignam-se, descem das nuvens, onde o espirito lhes tem andado enlevado, para serem boas mães: ignoro se ganham na troca, mas sei que ninguem as censura por tal.

**D. Sophia** *(levantando-se com impeto e fallando com profunda commoção)*

As outras, porém, não sabem o que eu sei. Não ouviram o que ouvi. Nem se quer suspeitam a menos cruel das verdades que me dilaceram o coração. Foram enganadas; vivem enganadas. Ao esposo escolhido attribuem as proprias virtudes; engrandecem-lhe o coração com os seus thesoiros; admiram-n'o atravez da sua paixão. São felizes no erro. Quero acreditar...

porque o diz... que todos os homens trazem em dote, ás mulheres a quem se ligam, a preversidade moral, fructo da experiencia e dos annos. Ellas, porém, ignoram-n'o. Está n'isso a sua desculpa e a sua felicidade. Sem essa ignorancia, qual seria a creatura tão despresivel que conhecendo, como eu, a que glacial decrepidez ía unir a sua juventude florida, quizesse acceitar, d'esse impio hymineu, os titulos sagrados de esposa e de mãe? *(Acabando de fallar Sophia deixa-se caír sobre uma cadeira, pallida, e como prostrada pelo esforço).*

**Guilherme** *(approximando-se d'ella com embaraço)*

O que quer? O que deseja? Diga... É impossivel estar preparado para uma situação como esta. Ficaria sinceramente agradecido se indicasse o meio...

**D. Sophia** *(com voz quasi extincta e o olhar meio turvado)*

Desculpe... estas exaltações não são proprias do meu genio.

**Guilherme**

Não se entregue assim ao desespero... Deixe serenar o seu animo. Peço... supplico-lhe... Para tudo ha remedio...

*

D. Sophia

Estou melhor... muito melhor... Já que não podemos separar-nos sem levantar murmurações, só para o mundo viveremos juntos; para tudo mais separados. Agora, que me conhece melhor, espero que acredite n'esta firme resolução. Conto com o seu orgulho para me evitar quaesquer duvidas a tal respeito. *(Guilherme inclina-se sem responder. Sophia continúa indicando uma das portas lateraes.)* D'esse lado estão os seus aposentos. *(Guilherme inclina-se de novo, dá alguns passos para a porta: depois volta.)*

Guilherme

Obedecerei fielmente. Será necessario, porém, para o descanço da sua consciencia, que as nossas vidas, além de estranhas uma á outra, sejam hostis? Já que a sorte nos fez companheiros, nos caminhos que temos de percorrer, nem sequer será permittido usar das attenções reciprocas que são o encanto das viagens?

D. Sophia

Oh! em quanto a isso com o maior prazer.

Guilherme *(sentando-se ao lado d'ella, com bondade)*

E não poderemos tambem ser amigos... dois bons amigos... dois excellentes camaradas?.. Sorri ainda:

seja Deus louvado!.. Quererá dar-me a sua mão como testemunho de confiança? *(Ella estende a mão que Guilherme aperta.)* Está ajustado... E se algum dia as suas idêas, as suas resoluções forem modificadas... o que muitas vezes acontece... acredite que eu saberei esquecer o passado.

D. Sophia

Veremos... veremos então...

Guilherme

Pois serei tão feliz aiuda que possa esperar no futuro qualquer conjuncto de circumstancias extraordinarias, que me restitua o seu amor?

D. Sophia

Sem duvida. Se o resultado natural da experiencia e dos annos é roubar ao coração as mais dôces esperanças e as ficções mais queridas, por certo não serei eu uma excepção á lei geral. Quando chegar a vêr o mundo sem illusões, quando a minha propria experiencia tiver nivellado o abysmo que hoje nos sepára... então, considerando-me digna de si, porque motivo não hei de tambem consideral-o digno do meu amor?

Guilherme *(com seriedade)*

Repare bem no que diz, Sophia. É um ponto deli-

cado esse. Faz-me antever um martyrio para o qual de certo me não faltaria o valor, se desde já eu não regeitasse a palma.

D. Sophia

Porque motivo?

Guilherme

Porquê?.. Faço mal em responder a sério. É evidente que está gracejando.

D. Sophia

Engana-se.

Guilherme

Tanto peor. Por certo não póde ajuizar que a honra de uma senhora succumbe a provas, que o homem affronta impunemente.

D. Sophia *(com simplicidade)*

É possivel. Confesso que me faltam as luzes necessarias, para o seguir n'um terreno tão novo para mim. O que porém cada vez comprehendo melhor, é o seu profundo despreso pelo nosso sexo. Mulher alguma se sentiu mais disposta do que eu a acceitar os deveres humildes e obscuros que a sociedade nos impõe. O que

não posso acceitar, o que solemnemente regeito, é a posição subalterna a que me condemnaria o sacrificio das minhas idéas e dos meus sentimentos. *(Com vivacidade.)* Vejamos. Porque lhe aprouve escolher-me para sua esposa, não sentindo, nem podendo já sentir amor algum, hei de eu suffocar os impulsos do meu coração? Hei de esperar os annos, vêr approximar-se a velhice, cerrando os olhos aos explendidos horisontes dos meus sonhos? Hei de sentir o cançasso sem ter viajado; julgar-me morta sem ter vivido? É isto justo? É possivel sequer? Apello para a sua lealdade.

Guilherme

A minha lealdade responde-lhe com uma idéa vulgar á força de ser verdadeira: — a vida não é um romance.

D. Sophia *(com tristeza)*

E acreditou n'essa idêa vulgar quando os outros lh'a disseram? Renunciou acaso, só pela experiencia alheia, ás crenças da sua juventude. Poude pensar que Deus — na existencia do qual então acreditava — só lhe havia illuminado o coração com falsas esperanças e enganadoras promessas?.. Por certo não. Pelo contrario... desejou, procurou, creou o romance da sua phantasia. Não foi feliz?.. Escusa de me responder. Em quanto a mim, o meu romance era este amor... não tinha imaginado outro. Enganou-me cruelmente. Esperava ser para o seu coração... menos ainda as-

sim, muito menos do que a sua imagem, engrandecida pela paixão, era para o meu... Foi tudo uma illusão. *(Muito commovida)* Um só favor lhe peço. Restitua-me a chave de oiro que esta manhã lhe dei.

Guilherme

Aqui a tem.

D. Sophia *(commovida, sem a receber)*

Aqui a tem!.. E nem sequer me pergunta para que podia ella servir!..

Guilherme

Não me atrevia a perguntar...

D. Sophia

Faz bem, não merece sabel-o. «É uma ninharia.» Talvez o enfadasse... *(Mostrando uma argola de ouro que faz girar em volta do pulso.)* A chave abre este bracelete. Fiz voto de sómente a conceder ao homem que me amar... Dê-m'a.

Guilherme *(entregando-lhe a chave com ternura)*

E não tornará a entregar-m'a?

Sophia *(levantando-se com vivacidade)*

Quando tiver realisado o meu romance. *(Olhando para uma janella)* Vem rompendo o dia. Estou extenuada de cançasso.

Guilherme *(que se tem levantado, colerico)*

Tambem eu. É tempo de acabar. Deve ter-me achado imbecil. Comprehendo-a agora. Sei finalmente o que deseja. Recommendo-lhe apenas, que saiba conciliar a independencia do seu coração com o respeito pelo nome que me pertence. Afóra isto, póde contar com a minha mais completa indifferença. Procure, realise até, o romance da sua phantasia; ficarei vingado quando o tiver conseguido. *(Dirige-se rapidamente para a porta lateral.)*

Sophia *(com a voz quasi extincta)*

É assim a amisade que me prometteu?

Guilherme *(voltando)*

Tem rasão. Juro-lhe que não tornará a queixar-se dos meus arrebatamentos. Perdoe e consinta que respeitosamente lhe beije as mãos. Não se esqueça porém do que lhe disse, e que de novo confirmo. *(Sáe.)*

---

## SCENA IV

D. SOPHIA (só)

*(Com uma pallidez mortal, estremece, estende os braços na direcção da porta por onde saíu Guilherme; os labios contráem-se-lhe como para soltar um grito, que ella contém por um supremo esforço; arquejando e correndo á janella que abre.)*

Ar... necessito de ar... *(Deixa-se caír n'uma cadeira com a cabeça entre as mãos. Serenando a pouco e pouco e olhando pela janella. Ouvem-se mal distinctas algumas vozes que figuram ser de mulheres partindo para o trabalho.)* É já dia!.. Cantam as ceifeiras no campo... os passaros cantam nas arvores... Só eu choro!.. Que noite esta... que felizes nupcias as minhas... Onde estão os meus sonhos?.. as minhas esperanças de amor?.. as minhas visões de felicidade?.. Perdido... tudo perdido nas sombras d'esta noite!.. *(Cáe desfallecida na cadeira.)*

FIM DO SEGUNDO ACTO.

# ACTO TERCEIRO

Uma sala mobilada com elegancia, no gosto antigo. Bufetes e contadores de páu santo. Um piano, jarras da India, retratos de familia nas paredes.

## SCENA I

GUILHERME e JORGE

**Guilherme**

Aqui tens pois a narração fiel da minha primeira noite de nupcias.

**Jorge**

É na verdade extraordinaria. O que tencionas agora fazer?

**Guilherme**

Não sei. Como podes imaginar, és a unica pessoa que conhece este segredo. Espera, portanto, pelo desfecho. Naturalmente não ha de demorar-se.

**Jorge**

Mas que idéa formas do caracter da tua esposa?

Guilherme

Por emquanto nenhuma. Está n'isso a minha culpa. Esqueci-me inteiramente dos receios que d'antes me assaltavam o espirito, quando contemplava uma mulher na flôr da juventude. Póde haver acaso mysterio mais insondavel? Idêas, sentimentos, paixões, o bem ou o mal, a virtude ou o vicio, tudo a mulher esconde n'aquella idade, sob as apparencias do pudor e da innocencia. É um abysmo coberto de flôres. Se um instincto fatal não nos impellisse, qual seria o homem tão imprudente que tentasse decifrar as incertezas do futuro. Por isso o casamento é a mais heroica de todas as acções heroicas. A planta fragil e mimosa, transplantada para o solo nupcial, transforma-se, cresce, afunda as raizes, braceja ramos em todas as direcções. Obscura nos seus designios como a sphinge. A paz ou a guerra, a felicidade ou a vergonha, tudo se póde esperar, e só tarde, muito tarde ás vezes, conhecemos se a mulher é um anjo ou um monstro.

Jorge

Como queres, porém, que combine essas tuas idéas com o que hontem me disseste?

Guilherme

Facilmente. As opiniões que tanto te offenderam, ha muito já que me são habituaes. Servem de masca-

ra ao desespero que me consome. Chegou, porém, a hora da franquesa... Sinto aqui a morte *(batendo no coração)*.

Jorge

Que horrivel segredo me escondes?

Guilherme

Nenhum. O meu mal está em ter vivido. Eu que seria valoroso contra qualquer subita desgraça, sinto-me succumbir, sem resistencia nem combate, ao cançasso da existencia. O passado não se refaz; é o passado que me mata.

Jorge

Mal te posso comprehender, meu amigo.

Guilherme

É que as nossas existencias teem seguido dois caminhos diversos. Sugeitaste a tua ao cumprimento de deveres sagrados, em quanto que eu... lembraste do que eu era quando nos conhecemos?

Jorge

O que eras?.. O mesmo que te vejo agora. Uma intelligencia ardente; um coração altivo, apaixonado, capaz das maiores dedicações, dignos de ser amado.

Guilherme

Não tanto, por certo, mas as tuas lembranças, embora parciaes, provam bem que existiam então em mim alguns germens de intelligencia e de virtude que o futuro promettia desenvolver... Foi a ociosidade que os perdeu, e os dispersou em terra sáfara... Os primeiros annos da minha vida não tiveram por salvaguarda nem o trabalho, nem o dever. Esta falta, sempre prejudicial, foi para mim funesta; foi ella a causa do meu aviltamento moral.

Jorge

Embora te calumnies não te acreditarei. Uma alma pervertida não saberia julgar-se com tal rigor. A dedicação, quasi sobre humana, de que me deste provas, não póde deixar-me duvidas á cerca da nobreza do teu coração.

Guilherme

Enganas-te. Julgo-me com rigor, mas não me emmendo. A tua amisade provocou esta franqueza: mostrei a ferida da minha existencia, mas continúo a consideral-a sem remedio. Passado este momento tornarei a ser o que era... Houve na minha vida uma hora em que desejei parar no caminho escorregadio onde me sentia resvalar. Tive então horror da minha degradação. Lutei... mas fui vencido. Hoje essa mesma agitação, que denunciava ainda um resto de força e de virtude, acabou, extinguiu-se a chamma, estou tranquillo.

Jorge

E não crês que seja ainda possivel?

Guilherme

Não. Este casamento foi a ultima experiencia. Pensei que o contacto de um coração innocente me daria calor e vida. Sonhei uma redempção impossivel.

Jorge

E então?

Guilherme

Viste o resultado. Sophia é na verdade formosa e digna de ser amada. Nunca conseguirá porém fazer-me esquecer o passado. Ao contrario, acorda-me as reminiscencias mais odiosas. Cada um dos seus gestos, das suas feições, das suas palavras fazem-me lembrar... envergonho-me até de o dizer... parece que um espirito diabolico me suggere comparações aviltantes... me faz vêr n'ella uma mulher como outras... inferior até a algumas d'ellas.

Jorge

É uma injustiça...

Guilherme

É, não o nego. A scena que te contei devia despertar-me, senão outro sentimento, pelo menos o interesse da curiosidade. Pois nem isso. Sophia revelou n'ella uma energia de genio de que a não suppunha capaz...

Jorge

Quem sabe se novas revelações...

Guilherme

Creio que terminarão ali as surpresas. Temos combinado para esta tarde um passeio a cavallo. Sophia quer naturalmente dar-me idêa dos seus talentos equestres. Não confio n'elles.

Jorge

Talvez te enganes... Ella ahi vem... Como fica formosa de amazona!..

Guilherme

Quem te ouvisse... diria que és o noivo...

## SCENA II

OS MESMOS E D. SOPHIA

**D. Sophia** *(vestida de amazona)*

Eis-me prompta. Creio que não deve haver queixa da demora.

**Guilherme**

Nunca a poderia haver. A espectativa augmenta todo os effeitos.

**Um criado** *(entrando)*

Os cavallos estão apparelhados.

**D. Sophia**

Partamos então. O sol vae já declinando, e o caminho não é curto. Teremos de andar duas léguas. Contei com o snr. Silveira. Acompanha-nos?

**Jorge**

Espero que V. Ex.ª me dispense. Os officiaes de de marinha fóra do seu navio...

Guilherme

Receiam não mostrar a galhardia de bons cavalleiros. É um receio sem motivo.

D. Sophia

Creio bem. Deus me livre, porém, de o constranger, por que seria tornar-lhe mais depressa intoleravel a nossa convivencia.

Jorge

Se o motivo, apontado por Guilherme, não fosse infelizmente uma verdade, aceitaria o convite para provar o contrario do que V. Ex.ª tão injustamente suppõe.

D. Sophia

Seria já agora escusado. *(para Guilherme)* Partamos então...

Guilherme

Quando determinar.

D. Sophia

Snr. Jorge da Silveira.

**Guilherme**

Adeus meu amigo. Recommendo-te aquella janella. O crepusculo da tarde, visto d'ali, é um espectaculo maravilhoso.

**Jorge**

Não o perderei. *(Sophia e Guilherme sáem, Joanna acompanha-os.)*

---

## SCENA III

JORGE E JOANNA

*(Jorge chega á janella para os vêr saír. Joanna volta, passado um instante)*

**Jorge** *(na janella)*

É realmente encantadora!.. Como seriam felizes se elle a amasse.

**Joanna** *(collocando-se por detraz de Jorge, e olhando pela janella)*

Está admirado, não está! Que elegancia; que garbo de amazona!..

Jorge *(voltando-se)*

É certo. Atravez das sombrias ramagens d'aquelles arvoredos dir-se-ía Dianna a caçadora.

Joanna

É a fada dos nossos bosques. Pobre d'ella, merecia ser mais feliz, merecia...

Jorge

Pois não o é, tanto quanto se póde ser?..

Joanna

Não é. Bem o sabe, o snr. Jorge, melhor do que ninguem.

Jorge

Eu!.. Como havia de saber?

Joanna

Como? Escusa de guardar o segredo de mim que o sei tambem. Ouvi tudo hontem. Estava ao lado da minha querida menina, quando a curiosidade... desculpavel em quem tanto amava... lhe trouxe o desengano cruel que a ía matando mesmo alí.

Jorge

Pois ouviu?

Joanna

Tudo. Para mim não foi surpreza. Andava-me de ha muito, não sei que espirito máo, a agourar aquelle resultado. Nunca vi com bons olhos este casamento. Perdoe que lh'o diga. Bem sei que é amigo do snr. Guilherme de Vasconcellos, mas sei tambem que o seu coração é melhor do que o d'elle. Ha de comprehender-me; ha de saber avaliar esta minha tristeza. Não ha mãe que possa vêr a olhos enxutos a desgraça de sua filha, e não ignora...

Jorge

Que a snr.ª D. Sophia a estima como mãe. Sei. Mas o seu muito amor illude-a. É injusta para quem lh'o não merece. O meu amigo...

Joanna

Não me falle d'elle. É imperdoavel. Ouvi o que lhe disse, e, apesar de ser seu amigo, vi que era o primeiro em condemnal-o. Não admira. A sua lealdade, essa lealdade nunca desmentida dos homens do mar, não poderia transigir com tão grande hypocrisia.

Jorge

Se acredita na minha lealdade, ha de acreditar tambem o que lhe vou dizer. Guilherme é mais desgraçado do que culpado. A sua alma é boa e generosa. Algum dia o conhecerá para lhe fazer justiça.

Joanna

Como explica então?..

Jorge

As suas palavras?

Joanna

E o seu procedimento?

Jorge

O futuro explicará tudo. Nunca viu um doente desesperar da cura e considerar-se morto, quando vae entrar na convalescença? O meu amigo está n'este caso. O seu coração, ferido por golpes repetidos, descrê da felicidade no proprio momento em que ella lhe sorri.

Joanna

Será um milagre.

Jorge

E não acredita que o amor o realise?

Joanna

Prouvera a Deus que eu visse...

Jorge

Ha de vêr: ha de vêr feliz a sua querida menina. Até então façamos um ajuste?

Joanna

Qual é?

Jorge

O de não ter segredos para mim: o de me contar as mais leves mudanças nas idêas e nos sentimentos da snr.ª D. Sophia. Bem vê que será para bem d'ella... concorda?..

Joanna *(depois de uma certa hesitação)*

Concordo... Talvez faça mal... mas sou assim. Tenho ou não tenho confiança... e no snr. Jorge confio cegamente.

Jorge

Não ha de arrepender-se.

Um criado *(entrando)*

Está lá fóra um sujeito que procura a snr.ª D. Sophia.

Joanna

Disseste-lhe que tinha saído?

Criado

Disse, e respondeu que n'esse caso desejava fallar á snr.ª Joanna.

Joanna

Manda-o entrar...

Jorge

Vou para o jardim, emquanto recebe a sua visita.

Joanna

Não posso imaginar quem seja. *(Jorge sáe.)*

---

## SCENA IV

JOANNA E LOURENÇO DE ATHAYDE

*(Entra e fica um instante olhando para Joanna)*

**Joanna**

O snr. Lourenço d'Athayde!..

**Lourenço**

Eu proprio. *(Correndo para ella e abraçando-a.)* É a primeira pessoa que me conhece! O que fazem cinco annos de ausencia...

**Joanna**

Está outro... inteiramente mudado...

**Lourenço**

E Sophia... a prima Sophia... que é d'ella? Disseram-me que tinha saído...

**Joanna**

E não o enganaram.

Lourenço

Mas volta breve?.. Quem me dera já vêl-a. Como ella deve ficar contente... Está cada vez mais formosa?..

Joanna

Não se engana, não...

Lourenço

Quando vinha atravessando o jardim, lembraram-me os dias da meninice que aqui passei. Por detraz de cada ramada de murta parecia-me vêr surgir uma creança loira e esbelta... a nossa Sophia... lembraste?..

Joanna

Se me lembro... Feliz tempo era esse.

Lourenço

Eu tinha mais alguns annos do que ella. Ainda assim...

Joanna

Eram ambos creanças, qual dos dois o mais traquinas. Deus lhes perdoe os frenesis que me metteram.

Lourenço

É verdade, é. *(Abraçando-a)* A nossa querida Joanna. Quem nos dera n'aquelle tempo... hoje é diverso. A prima deve de estar uma senhora. Ainda se lembra de mim?..

Joanna

Muitas vezes...

Lourenço

E com saudades?..

Joanna

Chorou até, quando de Lisboa lhe mandaram dizer que ia partir o seu companheiro de infancia.

Lourenço

Querida prima!..

Joanna

Depois nunca mais soube noticias suas. Acabámos por julgal-o morto.

Lourenço

E tiveram rasão. Como Sophia não ficará admirada de me vêr. Mas onde foi ella sem a sua antiga companheira.

**Joanna**

Não precisa já da minha companhia.

**Lourenço**

Não. Porque?

**Joanna**

Porque tem a de seu marido.

**Lourenço** *(como fulminado)*

De seu marido! Pois Sophia casou?!..

**Joanna**

Não o sabia?

**Lourenço** *(á parte)*

Oh! minhas esperanças. *(Alto)* Se cheguei ha tão pouco tempo...

**Joanna**

Esquecia-me essa circumstancia. Foi hontem o casamento. Um dia mais cedo e teria assistido á festa.

**Jorge** *(entrando)*

Agora mesmo entraram no pateo. *(Os dois homens comprimentam-se.)*

**Joanna**

Já de volta!

---

## SCENA V

OS MESMOS SOPHIA E GUILHERME

**Sophia** *(entrando depois de largar Joanna, que tem ido esperal-a á porta; para Jorge)*

Fez mal em não nos acompanhar. Foi um passeio delicioso.

**Jorge**

Acredito.

**Guilherme**

Se não fôra o perigo que correu Sophia.

**Sophia** *(entrando na scena tem visto Lourenço, que ficára para o lado opposto ao da porta)*

Será possivel!.. O primo Lourenço de Athayde...

**Lourenço**

Não é verosimil, mas é certo.

Sophia *(estendendo-lhe a mão que elle aperta com certo embaraço)*

Como folgo de o vêr. Quando chegou?

Lourenço

Não ha ainda oito dias. Quem volta de tão longa ausencia, é quasi um phantasma que surge do tumulo. Os mortos ignoram o que se passa na vida. Desculpe por isso se, antes de mim, lhe não enviei os parabens...

D. Sophia

Pelo meu casamento? Acceito-os agora. *(Apontando para Guilherme)* Meu marido, o snr. Guilherme de Vasconcellos e Menezes. *(A Guilherme)* Apresento-lhe meu primo, o snr. Lourenço d'Athayde, de quem por vezes lhe fallei. *(Os dois estendem e apertam as mãos.)*

Guilherme

Estimo sinceramente conhecel-o. Alem de parente, era, antes da sua partida, intimo familiar d'esta casa. Espero que me fará a honra de não alterar os antigos habitos.

Lourenço

Agradeço e aceito o offerecimento. Poucos parentes já me restam. Voltando á patria, seria triste afas-

tar-me d'esses mesmo. *(A Sophia)* E nosso tio? Ainda me não disse.

D. Sophia

Está o mesmo. Retem-n'o a velhice na ante sala da morte. Dir-lhe-ia para irmos vel-o, senão fossem horas de estar já recolhido. Ámanhã será...

Lourenço

Como queira.

Guilherme *(a Lourenço)*

Tenho a honra de lhe apresentar o meu amigo Jorge da Silveira, distincto e valente official da nossa armada.

Lourenço *(apertando-lhe as mãos)*

Todo o viajante tem natural sympathia pelos homens do mar.

Jorge

As saudades da patria tornam quasi irmãos, aquelles que já as nutriram em terra estrangeira.

Lourenço

E o valor dos nossos officiaes infunde respeito a todos que os tem visto, em qualquer paragem, honrar sempre a bandeira nacional.

Jorge

Agradecido por elles e por mim. *(a Guilherme)* Ao entrar fallaste de um perigo occorrido no passeio d'esta tarde. Não nos contarás?

Guilherme

É o meu desejo. Dizer o que aconteceu será um testemunho publico aos talentos equestres de Sophia, e tambem uma queixa, para que a reprehenda *(olhando para Joanna)* e lhe prohiba novas imprudencias quem tanto póde. O valor levado áquelle extremo, é uma temeridade inaudita. *(de novo a Joanna)* Peço-lhe que ouça.

D. Sophia

Se eu lhe pedisse para não contar...

Guilherme

Teria de não ser obedecida. É irrevogavel *(narrando)*. Mal saímos a porta do jardim, os cavallos soltaram-se á rédea larga por uma das clareiras do bosque. Foi uma carreira desenfreada. Passado um quarto de hora, os troncos das arvores, que obstruiam a passagem, obrigaram-nos a mudar de andadura. Caminhavamos a passo quando deparámos com uma ribeira, não larga, mas alcantilada, que era necessario atravessar. Procurámos a ponte; uma ponte de madeira, meia

carunchosa, mal segura, que, de certo para o effeito pittoresco da paisagem, tinham lançado no sitio em que as margens, cortadas a pique, preparam uma cataracta onde as aguas refervem com estampido medonho.

Joanna *(assustada)*

Conheço o sitio. É na verdade horrivel. Chamam-lhe as pégadas de satanaz.

Guilherme *(continuando)*

E teem rasão. Eu ia um pouco atraz. Já no meio da ponte o cavallo de Sophia estaca, empina-se, dá uma meia volta, lança as patas dianteiras por cima das guardas da ponte, e fica suspenso sobre o abysmo.

Todos *(menos Sophia)*

Que horror!..

D. Sophia

Foi apenas susto. Guilherme saltando em terra correu para me salvar. Era escusado. A esse tempo o fiel Nazir, obedecendo á minha voz, tinha completado a reviravolta. Estava em terreno firme. Baston que o afagasse para lhe passar o medo.

**Guilherme**

E sabem o que fez Sophia? Ainda mal passado o perigo, tentou-o novamente. Voltando atraz, deu de mão ao seu fiel Nazir, e atravessou a ponte a galope.

**Jorge e Lourenço**

Bravo! bravo!..

**Joanna** *(quasi chorando, a Sophia)*

E não se lembrou da pobre velha...

**D. Sophia** *(sorrindo)*

Não corri o mais leve perigo... descança.

**Jorge**

Felicito-a pela sua intrepidez, minha senhora.

**D. Sophia**

Obrigada. *(A Lourenço)* E o primo o que me diz?

**Lourenço**

Nada. Conheci-a em criança, não me admiro.

D. Sophia

É verdade. Afaz-se a gente aos perigos com a educação. Mas agora reparo, que deve estar cançado da jornada. *(A Joanna)* A nossa boa Joanna irá preparar-lhe um quarto.

Joanna

Com a melhor vontade.

D. Sophia *(a Lourenço)*

Acompanhe-a então. Sabe uma coisa, primo? Acho-o muito mais triste do que era d'antes.

Lourenço

Pois reparou?

D. Sophia

É tão evidente. Não me dirá os motivos?

Lourenço *(dispondo-se para saír)*

Talvez, mas não hoje. *(Cumprimentando Guilherme e Jorge que teem estado conversando do outro lado da scena)* Meus senhores. *(Os outros comprimentam-o, e sáem Joanna e Lourenço).*

## SCENA VI

SOPHIA, GUILHERME E JORGE

**Guilherme**

Sabe uma triste noticia?

**D. Sophia**

Qual é?

**Guilherme**

Jorge vae deixar-nos. Communicou-me a resolução de partir ainda esta noite.

**D. Sophia**

Bem vê que tinha rasão. Enfadou-se mais depressa do que eu esperava.

**Jorge**

Engana-se V. Ex.ª Um motivo inesperado, uma carta que recebi não ha ainda uma hora, obriga-me a partir.

D. Sophia

Não será isso um pretexto?

Jorge

Juro que não é. A prova...

D. Sophia

A prova?..

Jorge

É que voltarei antes de um mez.

Guilherme

Já m'o havia promettido.

D. Sophia

N'esse caso não insisto. Espero só que não falte á promessa.

Jorge

Não faltarei á minha palavra. Como tive a honra de dizer a V. Ex.ª partirei ainda esta noite. Se me concede alguns instantes, vou arranjar as minhas malas.

D. Sophia

Com a condição de que ha de vir despedir-se de nós.

Jorge

Certamente. *(Para os dois)* Até já. *(Sáe).*

---

## SCENA VII

GUILHERME E D. SOPHIA

*(D. Sophia assenta-se n'uma cadeira, Guilherme em outra, do lado opposto de uma pequena mesa)*

Guilherme

Estamos de novo sós. Quererá que me retire?

D. Sophia

Esqueceram-lhe as nossas condições, senão de amisade, pelo menos, de boa camaradagem?

Guilherme

Como podiam esquecer-me.

D. Sophia

N'esse caso...

Guilherme

Fico... e considerar-me-hei feliz se as reminiscencias d'esta tarde, a profunda commoção que senti ao vêl-a em tão grande risco, o dôce enthusiasmo que nos inspirou a natureza ao caír do dia, tiverem inspirado á sua alma menos rigorosas disposições a meu respeito...

D. Sophia

Ha instantes em que a paz serena da natureza communica ao coração não sei que benevolos instinctos. É a hora do perdão...

Guilherme

E posso ter esperança de lh'o merecer?..

D. Sophia

Ser-lhe-ía escusado. Nunca soube conservar resentimento. Não tenho por tanto que perdoar.

Guilherme

Deus seja louvado, que a felicidade torna de novo a sorrir-nos!..

D. Sophia

Sim! Voltou então a esperança?!.. Como poude desenterral-a sob as ruinas do seu coração? O milagre de Lazaro fêl-o Christo...

Guilherme

E póde repetil-o o amor...

D. Sophia

«O amor, para quem lhe tem decifrado todos os segredos, é uma illusão de espiritos infantis.» D'esse nada o que quer fazer?

Guilherme

As minhas palavras! Tem rasão. Seja implacavel. Vejo agora que a sua alma é tão firme e inflexivel como a sua vontade. Não quebrará os rigores.

D. Sophia

Engana-se. Dentro dos limites da nossa convenção, póde esperar tudo quanto a amisade sabe conceder. Nem mais, nem menos. Terá em mim uma irmã... É pouco?

Guilherme

Não. É de certo muito. Não tornarei a insistir. E já que a convenção subsiste, pensemos bem em lhe marcar os limites...

D. Sophia

Pensemos...

Guilherme

Recorda-se que algumas vezes, n'um tempo que correu rapido, antes do nosso casamento, em noites de luar como esta, lhe pedi para traduzir no seu piano as inspirações grandiosas dos maestros modernos, augmentando-lhes o valor com o brilho da execução?

D. Sophia

Não me esqueci ainda, que algumas vezes teve o mau gosto de me querer ouvir. Prova talvez de que os sentimentos da arte andam tão obliterados no seu coração...

Guilherme

Como os do amor? *(Sophia sorri.)* Seja. Mas diga-me: a nossa convenção não permittirá que eu lhe renove hoje o pedido?...

D. Sophia

Permitte. E de bom grado accederia se não me sentisse tão fatigada.

Guilherme

É uma escusa?

D. Sophia

Não é. Sinto um cançaço quasi invencivel. Ainda assim...

Guilherme

Como hei-de agradecer-lhe. *(Leva-a pela mão para o piano. Sophia assenta-se.)*

D. Sophia *(apontando para uns cadernos de musica)*

Qual d'estas musicas escolhe?

Guilherme

A que lhe aprouver. D'antes concedia-me a honra de um logar aqui, ao seu lado...

D. Sophia *(preparando-se para tocar)*

Agora é-me impossivel conceder-lhe tanto...

**Guilherme**

Receia...

**D. Sophia** *(sorrindo)*

Não o permitte a nossa convenção.

**Guilherme**

Seja. *(Atravessando a scena e indo assentar-se n'uma cadeira do lado opposto, junto de uma janella)* Resignar-me-hei ao desterro d'esta cadeira. *(D. Sophia depois de um brilhante preludio, começa tocando a aria da Martha)* Essa aria!.. Foi a primeira que lhe ouvi...

**D. Sophia**

Pois lembra-se!..

**Guilherme** *(terna e vagarosamente)*

Como podia ter-me esquecido... Ainda não ha um anno. Era no outomno; na hora indecisa entre o dia e a noite. A lua, erguida já no horisonte, espalhava no céo os seus raios frôxos. Através da janella entrava uma tenue claridade, que desenhava mil visões nas sombras d'esta sala. Estava junto de si... no logar, que então me não recusava... *(Os sons do piano vão successivamente diminuindo de intensidade.)* O seu pia-

no apenas murmurava... como agora... os dedos pareciam recusar-se... as notas eram lagrimas! Tinha-a vencido a commoção. *(Mal se ouve o piano.)* Deixou pender a cabeça... sorvi o perfume dos seus cabellos... voaram-me os labios n'um beijo! *(Levantando a voz)* Não foi assim?

**D Sophia** *(como reanimando-se)*

Foi... *(O piano por instantes torna a ouvir-se com mais força, depois vae de novo e gradualmente abrandando.)*

**Guilherme**

Diz a tradicção que essa aria fôra composta por um amante ditoso, e cantada aos pés de uma rainha adorada. Que céo não seria o d'aquellas duas almas! A inspiração de um artista vale bem um throno. Veja o poder da musica! Orpheu abalava rochedos. O seu piano faz-me divagar nos campos esmaltados da phantasia. Não vê o milagre? *(Os sons do piano têem ído diminuindo, a pouco e pouco, até de todo se extinguirem. Sophia, como vencida pelo cansaço, deixa reclinar a cabeça nas costas da cadeira. Descáem-lhe as mãos de cima do teclado, solta um suspiro e deixa-se adormecer.)*

**Guilherme**

Suspira... *(Levanta-se; á parte)* É a influencia

da hora. Esperava-o já. *(Dirige-se cuidadosamente para o piano. Ao vêr Sophia recúa despeitado.)* Não vida. É de mais!

---

## SCENA VIII

OS MESMOS E JORGE

*(Jorge apparece á porta do fundo em traje de viagem)*

**Jorge**

Venho despedir-me.

**Guilherme** *(fazendo-lhe signal de silencio)*

Entra de vagar.

**Jorge**

Porquê?

**Guilherme** *(mostrando-lhe Sophia)*

Vê tu mesmo.

**Jorge**

Adormecida!..

Guilherme

É certo. Tinha acabado de tocar... Ouvi-lhe um suspiro. Pensei que chorava... dormia!

Jorge *(rindo)*

Orgulho de homem!..

Guilherme

Talvez. Apesar de tudo, tenho a certeza de que me ama.

Jorge

Receio que te enganes.

Guilherme

Veremos.

FIM DO TERCEIRO ACTO

# ACTO QUARTO

A mesma scena do segundo acto.

## SCENA I

SOPHIA E JOANNA

*(Sophia e Joanna, tendo diante de si um grande braçado de flores, occupam-se em as distribuir e collocar em jarras).*

**Joanna**

Estão um pouco crestadas pelo sol.

**D. Sophia**

A viração da tarde as fará reviver. Não te esqueças de abrir todas as janellas.

**Joanna**

Fique descançada. Mas que lembrança!.. a estas horas...

D. Sophia

Como não pude colhel-as de manhã, o que admira? Quero que este gabinete fique quasi um jardim...

Joanna

É costume antigo...

D. Sophia

É verdade. D'antes eram até os meus unicos cuidados.

Joanna

Desde o seu casamento porém...

D. Sophia

Tinha-os esquecido. Desgosta-te vêr-me voltar a elles. É prova de que estou menos triste.

Joanna

E não m'o dizia...

D. Sophia

Para quê? Uma esperança apenas. Tenho visto desvanecerem-se tantas... Ainda assim, sou menos infeliz do que podia suppôr ha um mez.

Joanna

Ainda bem. E quer que lhe diga, eu propria, que pensava como não ignora, começo a crêr que na sua idade e com esses olhos a felicidade não foge de todo... mais ou menos, volta sempre.

D. Sophia

Deus te ouça.

---

## SCENA II

AS MESMAS, GUILHERME E JORGE

**Guilherme** *(apparecendo no liminar da porta do fundo e encobrindo Jorge por detraz d'elle)*

Não me será vedada a entrada no santuario? *(Sophia sorri; Guilherme entrando)* Acompanha-me um amigo.

D. Sophia

O snr. Jorge da Silveira! Começava a desconfiar...

Jorge

Que eu faltasse á minha palavra. Bem vê V. Ex.ª que se enganava.

D. Sophia

Devo confessar a injustiça. Palavra de cavalheiro e exactidão de militar. Faz hoje precisamente um mez. É certo. Por tal signal que não se despediu de mim como havia promettido.

Jorge

Seria minha a culpa?

D. Sophia

Não foi. Ainda n'este caso tenho de lhe pedir perdão. E agora, que voltou, poderemos contar com a sua companhia por mais tempo.

Jorge

Infelizmente apenas posso dispôr de alguns dias. Tive ordem para embarcar. Brevemente devo partir.

Guilherme

Não se póde contar com elles. Verdadeiras aves de arribação chegam, descançam um instante, e voltam logo para a sua verdadeira patria... um fragil lenho sobre a immensidade das aguas. Que vida!..

Jorge

Vida de saudades da patria, de esperanças ao avistar o porto amigo. Canca o corpo mas conserva, se é que não melhora, a alma. Entre o mar e o céo não ha logar senão para a crença!..

D. Sophia

Que feliz vida não será! Se fosse homem tel-a-hia escolhido...

Guilherme *(a D. Sophia)*

Ageitava-se-lhe á indole. Talvez sobre as vagas encontrasse o seu romance...

D. Sophia *(a Guilherme)*

Ainda não desesperei de o encontrar mesmo em terra.

Jorge *(baixo a Joanna)*

Não tem nada que me dizer?

Joanna *(a Jorge)*

Corre tudo como no primeiro dia.

Jorge *(a Joanna)*

É possivel!

**Joanna** *(a Jorge)*

Um pouco menos triste, apenas...

**Jorge** *(a Joanna)*

É já bom signal. Conversaremos.

**Sophia** *(interrompendo-os)*

Permitte que o deixe por um instante? Voltarei breve. Guilherme far-lhe-ha companhia.

**Jorge** *(comprimentando)*

Sem o mais leve incommodo. *(Sáem Joanna e D. Sophia.)*

---

## SCENA III

GUILHERME E JORGE

**Jorge**

Podemos conversar?

**Guilherme** *(examinando as portas)*

Podemos. Não ha que receiar nova indiscrição. Sophia não voltará por em quanto.

Jorge

O que ha então de novo? Debalde esperei que me escrevesses.

Guilherme

Ha coisas difficeis de dizer n'uma carta. A situação continúa a mesma. Começa a enfadar-me. Esperava, depois da scena que te contei, que Sophia fizesse diligencias de me inspirar ciumes; nada d'isso. Dir-se-hia que encontrou a ultima expressão da felicidade humana.

Jorge

E as suas queixas, os seus antigos clamores?

Guilherme

Foram apenas um capricho de criança; hoje são uma teima. Felizmente porém sem consequencias perigosas.

Jorge

Deves todavia confessar que havia uma certa justiça nas suas palavras. Se as acções lhes houvessem correspondido, não poderias negar-lhe a logica.

Guilherme

A serenidade da nossa vida deixa-me descançado

n'esse ponto. No fim de tudo é um singular caracter o de Sophia. Se não tivesse sempre na memoria a scena tempestuosa da primeira noite nupcial, se não me parecesse ouvir ainda a explosão de palavras vehementes e apaixonadas que quasi me fulminaram, não acreditaria que a colera podesse residir n'aquelle seio infantil, que no seu coração houvesse tempestades!

Jorge

A sua vida?

Guilherme

É a mais simples que se póde imaginar. De manhã, vejo-a das minhas janellas no jardim, risonha e alegre, a colher flores; voltando, o seu maior cuidado é distribuir os ramos que tem feito por todas as jarras, como vês *(apontando para as flores)*. Concluido este importante trabalho, assenta-se aqui, no meio do seu jardim artificial, e dá as ordens a todos os criados com respeito ao governo da casa. De tarde um passeio a cavallo, só, ou na minha companhia. Mal entra em casa, pede logo o bordado, o dedal, as agulhas, a costura... porque ella faz tambem os seus vestidos, só pela necessidade que tem de trabalhar constantemente, receiando talvez que o mundo pare se por acaso um dia cruzar os braços...

Jorge

Que actividade...

Guilherme

É na verdade maravilhosa! E o mais é que me obrigou a imital-a.

Jorge

A ti...

Guilherme

Ouve, porque é curioso. Um dia estava na minha pequena bibliotheca, lendo não sei que livro, quando senti bater de mansinho na porta da entrada. Abri. Era Sophia que, pela primeira vez, entrava nos meus aposentos para me pedir um quarto de hora de audiencia. Como pódes imaginar, embora admirado, logo lh'o concedi. Sophia saíu para voltar d'ahi a um instante, trazendo nos braços... Vê se advinhas?

Jorge

Sei lá...

Guilherme

Um enorme maço de papeis, cheios de bolôr, cobertos de poeira... com um aspecto de fazer recuar o mais intrépido antiquario. Eram contractos, escripturas, procurações, recibos... e não sei que outros documentos relativos ás propriedades de Sophia. Sacudindo o pó de que estavam cobertos, declarou-me que era necessario examinar e pôr em ordem toda aquella papelada...

Jorge

Não vejo porém a necessidade.

Guilherme

Tambem eu não, e disse-lh'o. Replicou, que no caso de eu não querer encarregar-me d'aquelle trabalho ella o faria, ainda que lhe fosse penoso. Preferia isso a entregal-o nas mãos de qualquer pessoa estranha. Parece que sua mãe tivera uma vez motivo de se arrepender da confiança que depositára n'um procurador, e ella herdára o odio á classe.

Jorge

Que fizeste então?

Guilherme

Não tive outro remedio senão resignar-me. O trabalho, que no começo foi para mim um sacrificio, tornou-se por fim uma verdadeira distracção. Tenho-lhe quasi amor. Tanto é certo, que mesmo na mais grosseira occupação se encontra a consciencia de havermos cumprido a lei geral imposta aos homens.

Jorge

Folgo de te ouvir.

Guilherme

É esta a nossa vida. Bem vês que não a póde haver mais singela. O primo de Sophia, que se tem aqui demorado, entretem-nos ás vezes contando as suas viagens. O cura da freguezia, um bom e santo homem, vem jantar comnosco aos domingos, e conta anecdotas, das quaes sómente elle se ri. É o confessor de Sophia e o seu esmoler, pelo que tenho observado.

Jorge

Bôa e nobre alma!

Guilherme

Por certo. Não a posso amar... todavia, se o que te conto não é uma comedia, se ella emprehendeu extinguir a exaltação da sua alma com a devoção, e derramar no seio da caridade as paixões da sua juventude, não posso deixar de a admirar, de a respeitar profundamente.

Jorge

Ha de o tempo trazer o resto.

Guilherme

Quem sabe. *(Olhando pela porta.)* Sinto passos. Vem d'ahi. Tenho outras coisas para dizer. *(Sáem os dois pela porta dos aposentos de Guilherme.)*

## SCENA IV

SOPHIA E LOURENÇO

*(Entrando pelo fundo)*

**D. Sophia**

Conhece o meu segredo. Espero que não ha de revelal-o.

**Lourenço**

Sei bem quanto as almas como a sua se esforçam por cumprir á risca os preceitos do Evangelho. O mysterio augmenta o valor da esmola.

**D. Sophia**

Respeita o pudor de quem a recebe. Nada mais. Como foi, porém, que o primo...

**Lourenço**

Como foi que assisti, testemunha indiscreta, senão importuna, áquelle acto de caridade? Um simples acaso. Passeava na avenida dos olmeiros que conduz á capella. Olhando por entre a ramagem distingui, á minha esquerda, a pequena clareira quasi de todo escondida pelo emmaranhado das arvores. No meio, as-

sentados n'um banco de pedra, estavam alguns mendigos, que pareciam esperar uma hora aprazada. Não sei que secreto impulso me dispertou a curiosidade. Escondi-me melhor no meio da folhagem e esperei. Momentos depois, vi chegar o bom do padre, que tantas vezes aqui tenho encontrado. Todos ajoelharam pedindo-lhe a benção. «Esperem meus filhos, disse-lhes elle, o seu anjo bemfeitor não póde tardar.» E como evocado por aquella voz, surgiu do meio da espessura do arvoredo um vulto de mulher. Era a prima.

D. Sophia

E tem a certeza de não se haver enganado?

Lourenço

Tenho. Embora a sua modestia me condemne, devo dizer-lhe que vi tudo; vi a sua mão levantar os pobres que ajoelharam, vi estender-lhes os braços, vi, como que envergonhada, distribuir-lhes as esmolas! Nunca senti tão suave commoção. Louvei a Deus por haver gerado tão grande alma em corpo tão gentil.

D. Sophia

Obrigada, meu amigo. Do que faço, por bem paga me dou com as intimas alegrias do meu coração. Nada tem os outros que me agradecer. Só eu devo cons-

tantes graças ao céo, por me haver dado, no superfluo das riquezas, o supremo regosijo da caridade.

**Lourenço**

Que ainda assim a não torna feliz.

**D. Sophia**

Pois suppõe...

**Lourenço**

Sei ao certo. Se lhe digo que vi tudo. Ficaram, depois dos mendigos se retirarem, duas ou tres criancinhas que Sophia chamou, para as abraçar de novo. Ao largal-as os seus olhos estavam inundados de lagrimas; ao vel-as partir a sua voz, entrecortada pelos soluços, dizia ao padre que ficára: «felizes as mulheres que são mães», e o padre respondia-lhe: «confie em Deus, que ha de dar-lhe a felicidade.»

**Sophia** *(inquieta)*

E concluiu d'ahi...

**Lourenço**

O que ha muito tempo já suspeitava. Que existe na sua vida um vago e profundo desgosto que debalde

tenta occultar. Não m'o dirá? Será necessario evocar as lembranças da nossa juventude, a antiga amisade...

D. Sophia

Seria desnecessario, se eu tivesse que lhe contar. Mas não tenho. Com os annos perde-se a constante alegria, que é a companheira inseparavel das crianças. Mudei com os annos. O que ha para estranhar? Não terá acontecido o mesmo ao primo? Mais talvez. É outro hoje. Mal o vi, deu-me nos olhos a mudança Por mais de uma vez lhe perguntei tambem as causas da tristeza que tanto lhe anuvia o rosto.

Lourenço

Em mim, porém, existem causas...

D. Sophia

E porque não m'as tem dito? A antiga amisade, as lembranças que ha pouco evocou... não serão bastantes?

Lourenço

Ha segredos, que vae n'elles a vida de um homem. Entre o receio e a esperança trava-se ás vezes uma luta medonha. A consciencia indecisa não sabe, não póde definir a vontade...

D. Sophia

Pois tão grave é o seu segredo! Sabe que está tentando a minha curiosidade? Sou eu agora quem lhe peço...

Lourenço

E se lhe dissesse respeito?

D. Sophia

Ainda assim, ainda mais até. É meu crédor n'esta especie... Será uma compensação...

Lourenço

Pois bem, obedeço. N'uma hora de não sei que enganadoras illusões, escrevi o que não teria valor para repetir agora. *(Tirando uma carta da algibeira)* Dignar-se-ha de ler, com a benevolencia da sua alma caridosa, o que a minha mão, trémula e febril, traçou nos trances de uma dolorosa agonia?

D. Sophia *(acceitando a carta)*

As revelações sinceras são sempre sagradas.

Lourenço

Obrigado. *(Dispondo-se para saír)* Deixo-a. Não

teria animo para esperar aos seus pés... Adeus!.. *(Sáe precipitadamente.)*

D. Sophia *(dando alguns passos para a porta por onde elle tem saído, como pedindo uma explicação)*

Não teria animo!.. Que será então?.. *(Abre-se a porta por onde tem saído Guilherme e apparece este, Sophia volta-se e vê-o; assustada, escondendo a carta)* Meu marido!..

---

## SCENA V

SOPHIA E GUILHERME

Guilherme

Só? Pareceu-me ouvil-a fallar..

D. Sophia

E não se enganou. O primo Lourenço saíu agora mesmo d'aqui.

Guilherme

É pena. Talvez quizesse acompanhar-nos. Não sáe esta tarde?

D. Sophia

Tinha já mandado apparelhar os cavallos. Estava, porém, receosa do tempo. Os ares estão pesados e annunciam trovoada.

Guilherme *(indo a uma janella)*

É verdade: não tinha ainda reparado. Está uma trovoada eminente. O que determina então?

D. Sophia

Eu sei. Ficarei em casa. Não quererá fazer-me companhia?

Guilherme

Com immenso prazer.

D. Sophia

Offereço-lhe então aquella cadeira. Sentar-me-hei n'esta. Tenho um bordado para acabar com muita pressa. *(Assentam-se os dois, ficando-lhe uma mesa intermedia. Sophia pega n'um bordado e começa a trabalhar.)*

Guilherme

E quer condemnar-me a ser testemunha inutil da sua incansavel actividade. Não sabe que a ociosida-

de começa a pezar-me na consciencia como um remorso?

D. Sophia

Pois já! Veja o que é o trabalho; mal se emprehende e logo se lhe toma amor.

Guilherme

É certo. Nunca me esquecerei que lhe devo tão grande beneficio. Agora o reconheço. A ociosidade é não só um mau calculo de egoismo, mas tambem uma ignominia. A existencia pessoal, que se concentra toda em si, alheia ao movimento da humanidade, fica fóra da lei providencial, e usurpa o seu logar entre os homens. Se a terra fosse justa devia repellil-a da sua superficie, sem mesmo lhe conceder os sete palmos de sepultura. E para confirmar a theoria com o exemplo, se o permitte, vou buscar para aqui os cadernos da nossa escripturação. Tenho umas contas para fechar. Trabalharemos juntos. Agrada-lhe?

D. Sophia

Como quer que não me agrade. Pedir-lh'o-hia até.

Guilherme

Pois bem. Voltarei n'um instante. *(Sáe pela direita.)*

**Sophia** *(levanta-se, vae á porta por onde saíu Guilherme e verifica se elle a não vê; volta á scena e tirando a carta que Lourenço lhe entregou, lê-a com a maior attenção. Depois de ler a carta e fechando-a)*

Será possivel!.. *(Fica um momento pensativa e mette depois a carta n'um cofre, que deve estar sobre a mesa.)*

**Guilherme** *(entrando)*

Eis-me aqui. *(Traz nas mãos alguns cadernos, que figuram ser de escripturação, e que põe sobre a mesa.)*

**D. Sophia**

Comecemos então a nossa tarefa. *(Assenta-se na cadeira.)*

**Guilherme**

Comecemos. *(Assentando-se e mechendo nos cadernos.)* Sabe que tenho já liquidadas as contas de um anno?

**D. Sophia**

E que apurou no meio de um tão intrincado labyrintho?

**Guilherme**

A verdade: uma triste verdade. A confiança sáe carissima.

D. Sophia

Não lh'o dizia eu.

Guilherme

Tem rasão. Imagino agora como estarão os negocios da minha casa pela qual nunca olhei. *(Levantando a cabeça e reparando em Sophia)* Não me dirá o destino d'esse bordado que tanto lhe preoccupa as attenções?

D. Sophia

É um presente de annos. Tenho de o mandar ámanhã a uma das minhas amigas mais intimas. Heide por isso acabal-o hoje.

Guilherme

Pouco lhe falta tambem.

D. Sophia

Alguns pontos apenas.

Guilherme *(vendo o bordado)*

Está admiravel. Que correcção de desenho; que harmonia de matiz. Nunca se applicou á pintura? *(Continúa a escrever.)*

D. Sophia

Em criança. Com a ousadia da ignorancia, ou antes com a ousadia que me davam as palavras de um mestre que tive, um pobre velho, para quem a arte tinha sido madrasta intratavel. Conheci a tempo o meu erro. Sem isso, sabe Deus quantos peccados contra o bom gosto não teria já commettido.

Guilherme

Ou quantos primores de arte não teriam saído das suas mãos. Tudo se podia esperar.

D. Sophia

Menos isso. São raros os genios. *(Procura n'uma caixa de costura alguma coisa que não encontra. Levanta-se, vae ao toucador, traz nas mãos uma meada de lã; na volta, encosta-se á cadeira de Guilherme, debruça-se por detraz d'elle para vêr o que escreve.)*

Guilherme

Devo avisal-a de que os perfumes dos seus cabellos a estão denunciando. *(Voltando-se)* Acha muito mau?

D. Sophia

Pelo contrario.

Guilherme *(pegando-lhe na mão)*

Recusar-me-ha esta recompensa? *(Beija-lhe a mão.)*

D. Sophia *(fugindo e como evitando a conversação, chega a uma janella)*

Que temporal! Crusam-se os relampagos por sobre as arvores.

Guilherme *(levantando-se e indo á mesma janella)*

O vento impelle a trovoada para o nordeste. Não haverá perigo. Que maravilhoso contraste! Fóra d'aqui, n'esse vasto horisonte, a tempestade terrivel e assoladora na sua passagem; aqui, n'este recinto acanhado, toda a serenidade da bonança.

D. Sophia

Tambem o mar é sereno em dias de calmaria, e comtudo no seio d'elle escondem-se os vendavaes. Esta paz é ficticia.

Guilherme

No seu coração talvez. No meu é real.

D. Sophia

Deve-o ser. Se a sepultura é o eterno descanço do corpo, a insensibilidade deve de ser a paz do coração. Tão mortos estão os que não vivem, como os que não sentem. A paz dos vivos é diversa. É a harmonia das almas, o accordo das vontades, a uniformidade das aspirações. É o paraiso se o amor a illumina.

Guilherme

E, mesmo expulsando-me d'elle, nem sequer me julga digno de o comprehender...

D. Sophia

É-lhe impossivel. O castigo d'aquelles que teem procurado nos atalhos sombrios e tortuosos da existencia a realisação de um falso ideal, é o de não poderem mudar de direcção, mesmo quando encontram o caminho direito. O coração viveu-lhes tanto tempo com o erro, que não saberia acostumar-se á verdade. Morrem como Moysés á vista da terra da promissão.

Guilherme

É injusta. Ainda ha um instante, vendo-a assentada n'aquella cadeira, com os olhos meios cerrados, seguindo attenta os movimentos da sua agulha, affigurou-se-me vêr uma d'aquellas imagens, que, como

anjos do lar domestico, se admiram nos quadros de familia dos pintores allemães. De mim para mim disse então: Oh! feliz, quanto não será feliz o homem que depois de um dia inteiro de trabalho encontra á noite, sob o tecto hospitaleiro da familia, a esposa fiel, a companheira leal da sua existencia.

D. Sophia

Essa idéa, que lhe atravessou o espirito como clarão passageiro, resume em si a maxima aspiração da mulher. Tornar alegre e feliz o lar domestico; conservar n'elle as santas tradições da familia; ser a sacerdotisa d'essa religião de amor e de dever que se perpetua com o sangue, preparar-lhe os altares, erguer-lhe um templo sob as vistas protectoras de Deus, é a visão beatifica das nossas horas de esperança!

Guilherme

Porque será então que tão poucas vezes se realisa?

D. Sophia

Porque? Pergunta-o?!.. Seremos nós que desilludidas por uma triste experiencia, presas ás lembranças de um passado vergonhoso, sem crenças, sem esperanças, sem amor, concorremos para alluir o fragil edificio conjugal? Não serão antes os homens, que nos lançam no espirito a confusão de idéas para substituir os

preceitos que haviamos recebido de nossas mães? não serão elles tambem que destroem com as suas proprias mãos os diques que a consciencia e o dever impunham ás nossas paixões? O que os admira então, e de que se queixam?

Guilherme

A sua palavra, prodiga de milagres, tem acordado vivas lembranças dos annos da minha innocencia. Vejo agora que n'aquella idade temos opiniões mais exageradas do que falsas. O tempo, que devia reduzil-as aos limites da verdade, modifica-as e inverte-as ordinariamente. Ha, por isso, menos erro nas illusões de uma creança, do que na fatal experiencia de um libertino.

D. Sophia

Estimo de lh'o ouvir confessar. A duvida é o peor dos males. E quer que lhe diga: começava já a sentil-o. No vacuo que se nos faz no coração, quando os sentimentos n'elle mais firmemente arreigados se despedaçam ao sopro dos desenganos, formúla-se uma interrogação atroz, implacavel, cruel. A propria crença em Deus chega a vacillar. Apparece o nada da morte como termo fatal da existencia...

Guilherme

E correu esse perigo?

D. Sophia

Corri. Debalde appellei para a voz de um santo, o sacerdote que de pequena me ensinaram a venerar; debalde puz os olhos no espectaculo maravilhoso do céo! Os mundos espalhados na amplidão do espaço não foram bastantes para me convencer. Foi necessario mais; foi necessario ir ajoelhar-me nos degraus da sepultura de minha mãe, e alí, á sombra da cruz, recordar-me das suas palavras e dos seus conselhos. Foi ainda hontem. O sol apenas illuminava com os seus raios derradeiros os ramos esguios dos cyprestes; tudo mais, estava nas sombras. Seguindo pelo meio da agreste vegetação, cujos ramos emmaranhados difficultavam a passagem, pude atinar com o tumulo que procurava. Ajoelhei e orei. O silencio era solemne. Sob a pedra sepulchral, pareceu-me sentir os estremecimentos do cadaver chamado á vida pelo amor filial; os labios gelados descerrarem-se; os olhos fitarem-me compassivos; a sua voz branda e suave, exclamar: — «Crê e espera...» Um som vibrou então no espaço. Eram as Ave-Marias!.. *(Ouve-se muito sumido o som de um sino, dando o signal das Ave-Marias. Sophia escuta um instante, como em extasis, e cáe de joelhos.)* Oh! abençoada sejas tu, minha mãe, que me ensinaste a rezar!.. *(Guilherme commovido, mal contendo as lagrimas, fita-a respeitosamente. Sophia, levantando-se, encara-o, estendendo-lhe a mão.)* Chora!.. Agradecido, meu amigo... É um nobre coração!..

**Guilherme** *(apertando-lhe a mão)*

Deixo-a. Não quero perturbar-lhe as doces impressões d'esta hora... *(Dando-lhe um beijo na testa, que a faz estremecer)* Adeus! *(Sáe vagarosamente. Sophia segue-o com a vista.)*

---

## SCENA VI

D. SOPHIA E DEPOIS JOANNA

**D. Sophia**

Envergonhou-se de se haver commovido!.. Aquella alma está morta... Que martyrio o meu!.. *(Abrindo o cofre de onde tira a carta de Lourenço)* E esta carta... *(Depois de a lêr attentamente, assenta-se á meza e dispõe-se para escrever.)* Deus me perdoe!.. *(Escreve com agitação; quando acaba, toca uma campainha; a Joanna que apparece)* Esta carta para o snr. Lourenço d'Athayde.

**Joanna**

Para seu primo?

**D. Sophia**

Sim.

Joanna

Não me dirá...

D. Sophia

Depois... depois saberás tudo. *(Faz-lhe signal de silencio e aponta-lhe para a porta.)*

FIM DO QUARTO ACTO.

# ACTO QUINTO

A mesma scena do acto anterior

## SCENA I

GUILHERME E JORGE

**Guilherme**

Contei-te as suaves impressões que me deixou no espirito a tarde de hontem, e respondes-me com o silencio. É extraordinario. Dar-se-ha caso que no intimo da consciencia te regozijes por vêr o meu orgulho abatido, ou que esperes uma confissão espontanea, mais formal e mais completa?

**Jorge**

Nada d'isso, ou, antes, mais de que tudo isso. Estava pensando em vêr-te prostrado deante de um florido altar, onde o amor tivesse traçado esta inscripção: «Á innocencia triumphante!..»

Guilherme

Estás doudo, meu amigo?.. E se podeste considerar algumas palavras roubadas ás minhas reminiscencias da infancia, como testemunho de uma metamorphose completa e de uma conversão impossivel, devo confessar que não dás grande prova da tua perspicacia.

Jorge

De que servirão esses subterfugios hypocritas e que a ninguem enganam?

Guilherme

Tens rasão. Poupa-me aos teus epigrammas. Estou aos teus pés; adoro os teus deuses. É certo, de que me serviria escondel-o; amo-a.

Jorge *(com alegria)*

Até que finalmente.

Guilherme

Esperavas que o meu orgulho sustentasse por mais tempo uma mentira? Não. O meu orgulho acabou. Deus confundiu-o, dando-me por guia uma criança. Amo-a. Será possivel? Antes de t'o dizer, antes de o confessar a mim proprio, quantas vezes interroguei o coração...

Jorge

E disseste-o já a ella?

Guilherme

Não. Preciso ainda entrar no intimo da minha consciencia. Não quero enganar-me.

Jorge

Estou certo de que não te enganas. Admira o milagroso poder da innocencia. De longe póde não se reconhecer; todavia é visivel, extraordinario. Que homem haverá que encontrando em qualquer logar publico duas senhoras igualmente formosas, igualmente elegantes, mas diversamente respeitadas, não tenha avaliado, pela differença das suas impressões, a distancia da terra ao céo? É necessario rehabilitar a virtude das calumnias que lhe têem levantado!

Guilherme

Tens rasão. Bem tarde o reconheço. E o erro em que estava custa-me uma humilhação. Que importa, se sou feliz! O amor revellou-me a existencia... fez-me comprehendel-a e abençoal a. Tudo devo a Sophia. Foi á sua voz que surgiu de novo na minha alma a luz, a verdade, a crença em Deus!.. Oh! como eu a adoro!

Jorge

Ainda, bem meu amigo. Quanto não serás feliz agora.

Guilherme

Quem sabe. Vou dizer hoje mesmo a Sophia que a amo: fazer-lhe uma confissão sincera e completa. Não posso soffrer por mais tempo o secreto terror que por vezes me assalta. A não ser a minha louca vaidade, quem me afiança que sou amado? Esta duvida é horrivel.

Jorge

São esses os receios da verdadeira paixão. Dir-se-hia que voltaste aos vinte annos.

Guilherme

E não só n'isto como em tudo. Que queres, se não ha duas maneiras diversas de estar namorado? Faço como todos. Anda-me a alma solta em devaneios... divagando entre a duvida e a crença. Sou outro. Os nadas de amor que d'antes me enfastiavam, seduzem-me agora; acho-os sublimes. Lembraste da pequena chave de oiro, que uma vez te mostrei, e que Sophia me pediu depois? É hoje a minha maior ambição. Daria parte da minha vida para que me fosse restituida... *(Apontando para o cofre onde Sophia metteu a carta de Lourenço)* Está n'aquelle cofre!.. Sabe Deus quan-

tas vezes tenho entrado furtivamente n'este gabinete, como um criminoso, para beijar aquella reliquia!.. *(Dirige-se para o cofre, e abre-o)* Uma carta!.. *(Tirando a carta e lendo com signaes de dôr e desespero)* Ter-me-hei enganado? *(Lendo de novo, como desvairado)* Oh! não, não, é certo; não ha duvida... *(Amarrota a carta entre as mãos, cáe n'uma cadeira pallido e transtornado de feições.)*

**Jorge**

O que é? Que tens meu amigo?

**Guilherme**

Vê. Vê tu mesmo... *(Entrega-lhe a carta.)*

**Jorge** *(mal tem deitado os olhos para a carta, como fulminado, entrega-a de novo a Guilherme)*

Não quero... não devo lêr!

**Guilherme**

Pois duvidas?

**Jorge**

Não.

Guilherme

Uma carta de amor. *(Com um movimento de desespero)* Quem seria o infame... *(Depois de uma pausa voltando a si)* Devia esperal-o. *(Approximando-se de Jorge)* A tua mão, Jorge... Onde estás?.. não te vejo... foge-me a luz dos olhos, treme o chão debaixo dos meus pés... Perdido, tudo perdido n'esta voragem!..

Jorge

Animo, meu amigo. É necessario ser homem.

Guilherme

E quero e hei de sêl-o. Não é o valor que me falta... São as minhas idéas que se esváem, é a minha rasão que se perde. E comtudo necessito pensar... devo tomar uma resolução.

Jorge

Qual? O que queres fazer?

Guilherme

Não sei. A culpa é irreparavel. Só me resta a suprema gloria dos gladiadores: caír com dignidade... Preciso de estar só. Desculpa-me que te deixe por

um instante. Voltarei quando necessitar de ti. *(Encaminha-se para a porta da direita.)*

**Jorge**

Vae, e não te esqueças de que ao teu lado tens um amigo.

**Guilherme** *(saíndo)*

Bem sei; bem sei.

---

## SCENA II

JORGE, só

*(Depois de pensar alguns instantes)*

Não póde haver duvida... mas quem escreveria a carta? *(Com uma subita lembrança)* Oh!.. foi elle, com certeza foi elle... não podia ser outro. Fatal cegueira dos maridos. É quasi sempre nos mesmos escolhos que naufraga o baixel conjugal. N'esta derrota cada primo devia ser um pharol. E Guilherme, elle proprio, com toda a sua experiencia... quem tal havia de dizer! *(Vendo Joanna que vem entrando pelo fundo)* Chega a proposito a minha alliada. Temos muito que conversar.

---

*

## SCENA III

JORGE E JOANNA

**Jorge**

Ainda bem que a vejo.

**Joanna**

Tem alguma boa noticia para me dar?

**Jorge**

Talvez. Lembra-se das condições do nosso contracto?

**Joanna**

Lembro, e a prova é que nunca faltei a ellas.

**Jorge**

Está bem certa do que diz?

**Joanna**

Pois desconfia? Não sei se tenho feito bem se mal, tenho porém dito tudo. Infelizmente, não me parece que tenha servido para muito. Prometteu-me a felici-

dade da minha querida menina e vejo-a cada vez mais triste.

Jorge

Talvez a sua querida menina tenha procurado a felicidade sem o nosso auxilio. Não me disse que ella andava agora mais alegre?

Joanna

Assim foi por alguns dias. Mas depois, principalmente desde hontem de tarde, voltou-lhe a costumada tristeza.

Jorge

A snr.ª Joanna não falla verdade. Quer-me enganar, ou anda tambem enganada.

Joanna

Não lhe merecia essa injustiça. Suppõe-me acaso capaz de... Ninguem ainda tal me disse... nunca pensei ouvil-o. Para que Deus me guardava! *(Desata em soluços.)*

Jorge *(meio compadecido)*

Vamos, não se afflija. Desculpe o que lhe disse que não era para a offender. Vejo que ignora tudo. Pois saiba que a snr.ª D. Sophia transtornou todos os nossos planos.

Joanna

Ella!

Jorge

No proprio momento em que seu marido, arrependido dos erros passados, lhe ía caír aos pés, pedindo-lhe perdão, implorando-lhe o seu amor...

Joanna

Para de novo a enganar?

Jorge

Era sincero d'esta vez.

Joanna

Como foi então?..

Jorge

Que a sua querida menina tornou já agora impossivel qualquer reconciliação? De uma maneira que eu não esperava, que ninguem podia esperar.

Joanna

Qual?

Jorge

Uma carta encontrada por Guilherme, e que era dirigida á snr.ª D. Sophia, deixou-lhe vêr que de um outro amor esperava ella a consolação das suas desgraças.

Joanna *(vehemente)*

Não; não póde ser. É falso.

Jorge

Falso... Se eu vi.

Joanna

Muito embora. Engana-se. É uma calumnia. E poderam duvidar da sua innocencia?

Jorge

A prova é evidente. Póde todavia haver um engano, e n'esse caso deve desvanecer-se. Conte-me tudo que souber.

Joanna

Nada sei.

Jorge

Nem uma desconfiança sequer?

Joanna *(como fallando a si propria)*

Seria possivel...

Jorge

Diga, diga...

Joanna

Não vale a pena. O que me lembrou não tem de certo relação com o acontecido.

Jorge

Ainda assim.

Joanna

Hontem á noite a snr.ª D. Sophia entregou-me uma carta para seu primo.

Jorge

O snr. Lourenço d'Athayde. *(Á parte)* Bem o tinha supposto. *(Alto)* E levou-lh'a?

Joanna

Que mal podia haver? Contei-lh'o para mostrar que nada lhe escondo, porque de resto...

**Jorge**

Fez bem. Talvez tudo se descubra. *(Dispondo-se para sair)* Adeus... Se Guilherme perguntar por mim, diga-lhe que já volto. *(Saíndo)* Agora nós, querido primo!

**Joanna** *(correndo atraz d'elle)*

Mas onde vae; onde vae?

---

## SCENA IV

JOANNA, DEPOIS SOPHIA

**Joanna** *(volta sem que Jorge a tenha ouvido)*

Santo Deus, que fui eu dizer... Pois aquella carta?.. Não, não o quero acreditar... ainda assim, tudo isto é sério, muito sério. Vou procurar a snr.ª D. Sophia. *(Dirige-se para a porta do quarto de Sophia, no momento em que esta vem a saír.)*

Sophia *(entrando em scena)*

És tu, Joanna?.. Onde ías?

**Joanna**

Ia procurál-a.

D. Sophia

Com esse ar tão sério! O que temos?

Joanna

Caso muito grave.

D. Sophia

Estranho-te hoje. Estás mysteriosa. Nem sequer me déste o beijo de todas as manhãs.

Joanna

É verdade. *(Dando-lhe um beijo que Sophia retribue. — Á parte)* Ia jurar que é tudo calumnia. *(Alto)* Em outro tempo não tinha segredos para mim...

D. Sophia

E hoje acontece o mesmo.

Joanna

Nem sempre. Ainda hontem quando me entregou uma carta para seu primo, o snr. Lourenço d'Athayde, me disse que depois havia de explicar-me tudo...

D. Sophia

Era uma cousa insignificante: não tinha valor algum.

Joanna

Cuidado, tenha cuidado em não me esconder a verdade. Começo a desconfiar...

D. Sophia *(sobresaltada)*

De quê? de que desconfias tu?..

Joanna

Não sei. Só uma pergunta: está tranquilla a sua consciencia?

D. Sophia

Está; afianço-te que está.

Joanna

Não o diga de leve. Lembre-se de sua mãe; da nobre e grande alma que a sombra de uma mentira nunca offuscou. Não lhe esqueçam tambem os meus conselhos. Responda-me, como se fosse sua mãe que a interrogasse, como se respondesse a Deus... Não tem nada de que se accusar?

D. Sophia

Não; não tenho nada. Como queres que o diga, que o jure?.. pela alma de minha mãe, pelo sagrado nome de Deus.

Joanna

Oh! ainda bem, ainda bem.

D. Sophia

Mas que insistencia é essa? para que são tantos juramentos?

Joanna *(com expansão)*

Nos meus braços, minha filha. *(Tendo-a abraçada)* Tem aqui um asylo seguro. Se a accusarem, eu a defenderei; se a calumniarem, dir-lhes-hei que são uns infames.

D. Sophia

Explica-te. Diz quem me accusa, quem suppões que possa calumniar-me?

Joanna

Que importa, se eu sei que está innocente. E pude duvidar por um instante! Oh! perdão, perdão anjo do céo. Os malvados são elles.

D. Sophia *(com interesse)*

Elles, quem?

Joanna

Quem? Seu marido, o amigo de seu marido, o snr. Jorge, que, por fim de contas, é tão hypocrita como elle.

D. Sophia *(com afflicção)*

E que disseram? De que me accusaram?

Joanna

Repugna-me repetir tão atroz falsidade. Fallaram n'uma carta.

D. Sophia *(assustada e tremula)*

Uma carta?..

Joanna

Sim. Não sei que carta encontrada por seu marido...

D. Sophia *(com terror)*

Não, não; é impossivel.

Joanna

Treme.

D. Sophia *(correndo ao cofre, abre-o, procura com extrema afflicção, e não encontrando a carta, cáe na cadeira com um grito de dôr)*

Ai!.. Deus de misericordia, valei-me!..

Joanna *(approximando-se d'ella, entre sevéra e compassiva)*

Era então verdade?

Sophia *(mal se ouvindo a voz)*

Era.

Joanna

E jurava que estava innocente!

D. Sophia

Repito o juramento. Pela alma de minha mãe.

Joanna

As apparencias, porém...

D. Sophia

Condemnam-me, bem o sei. Ha de salvar-me a consciencia.

Joanna *(olhando pela porta entre-aberta do quarto de Guilherme)*

Seu marido vem ahi.

D. Sophia *(levantando-se com custo)*

Elle!.. *(Serenando)* Vamos. Não desejo encontral-o agora. *(Sáe precipitadamente pela direita, levando comsigo Joanna.)*

---

## SCENA V

GUILHERME *(só)*

*(Entra pela esquerda, vem pallido, abatido, como um homem que acaba de passar por uma grande lucta moral; traz na mão a carta.)*

Devo pôr esta carta no seu logar. *(Dirige-se para a meza onde está o cofre, e fica indeciso)* Vae ser um tumulo, o que por momentos julguei ser o berço da minha felicidade... *(Assentando-se)* Como fui castigado! As leis de Deus não são superficiaes e grossei-

ras, como as iniquas leis dos homens. Buscam as origens dos crimes; acordam a consciencia dos verdadeiros criminosos... Agora o reconheço!.. No dia em que pretendí paralisar, sob as cinzas do meu coração, as palpitações de um outro juvenil e cheio de fogo, commetti uma d'essas atrocidades, que escapam aos codigos do mundo, mas para as quaes Deus reserva, no seu poder, uma jurisdicção mysteriosa... Mereci a tempestade que me fulmina... De quem hei de vingar-me?.. Quem posso accusar?.. Amava-a, é certo... mas em que principio de moral ou de honra poderia apoiar a minha vingança?.. Se eu fui a causa de todo o mal... *(Sophia saíndo da porta da direita, tem vindo vagarosamente até ao meio da scena, e ouve as palavras de Guilherme; irradiando-lhe no rosto a alegria, quando d'aquellas palavras reconhece que é amada.)* A minha resolução está tomada. Vou partir; vou deixal-a; não terá mais noticias minhas. Nunca ha de saber o milagre que realisou acordando este coração já frio e inerte. Partirei; levarei commigo o tormento d'estas dores... Se Deus houvesse sido tão compassivo, como foi justo, ter-me-hia dado a morte... No tranquillo cemiterio d'esta aldêa, ao lado do tumulo de sua mãe, talvez Sophia derramasse, por compaixão, algumas lagrimas sobre a sepultura de um homem que ella não teve tempo para conhecer e avaliar... Mas não, só um crime poderia conceder-me esse supremo refugio... O suicidio seria uma cobardia. *(Sophia faz alguma bulha; Guilherme volta-se, e vendo-a, levanta-se sobresaltado, escondendo a carta.)*

## SCENA VI

GUILHERME E SOPHIA

**Guilherme**

Estava ahi?

**D. Sophia**

Agora mesmo entrei.

**Guilherme**

Permitta então que me retire. *(Dispondo-se para saír.)*

**D. Sophia**

Não... Fique. Peço-lhe que fique.

**Guilherme**

Com que fim...

**D. Sophia**

Precisamos ter uma explicação...

**Guilherme**

Quando eu lh'a não exijo!.. Pois não receia?..

**D. Sophia**

Nada tenho que recear...

**Guilherme**

Está bem certa?

**D. Sophia**

Estou. E quando assim não fosse, a promessa solemne que me fez, seria bastante para me tirar todo o receio.

**Guilherme**

Disse-lhe que podia contar com a minha indifferença... será essa a promessa a que allude? Está porém segura de não ter esquecido as condições com que foi feita?

**D. Sophia**

Não creio que as esquecesse.

**Guilherme** *(com amargura)*

Esqueceu tudo, Sophia. Até a propria franqueza.

E todavia é essa uma virtude que sobrenada no naufragio de todas as outras.

D. Sophia

A que genero de franqueza se refere?.. Devia acaso impôr-lhe as minhas confidencias?.. Se me houvesse interrogado, veria se eu não era franca e sincera, como sempre.

Guilherme *(com ironia)*

Se a houvesse interrogado!.. E agora, n'este momento, ousaria responder?

D. Sophia

Porque não?

Guilherme

Ousaria!.. Pois bem, diga, responda: encontrou o sabor que esperava nas illusões da sua phantasia? As commoções que eu já não podia sentir, e pelo que tanto me accusou, realisaram as suas esperanças? Julga-as ainda como d'antes?

D. Sophia *(baixando a voz e commovida)*

Julgo; avalio-as até em mais, se é possivel. Deixe-me dizer-lhe tudo... não queira repellir a minha

franqueza, depois de a ter provocado. É certo; segui passo a passo o caminho dos meus sonhos; percorri a senda florida da juventude, onde se recusou a servir-me de guia. Encontrei todas as realidades dos meus sonhos. Se n'alguma cousa me enganei foi em não confiar ainda mais na bondade de Deus... Quanta felicidade póde encerrar uma lagrima, nem sequer o tinha presentido. Tudo experimentei. As angustias mortaes; as esperanças illimitadas; os rapidos minutos que deixam reminiscencias para toda a vida. Amei... e conhecendo, ha um instante apenas, que tambem era amada, dei infinitas graças ao céo!..

**Guilherme**

Ouvi-a attento. A desculpa do que fez, está na allucinação do seu espirito e das suas palavras. Realisou finalmente o romance que procurava. Faltou-lhe prever o desfecho.

**D. Sophia**

O desfecho? Será este... *(Dirige-se para a mesa onde está o cofre, tira d'elle a pequena chave de oiro, offerece-a, tremendo a Guilherme. Este faz um gesto de admiração, e fica como extatico, fixando os seus olhares em Sophia, que continúa sorrindo.)* Estava ainda agora por detraz d'aquella cadeira e ouvi tudo.

**Guilherme** *(como envergonhado)*

Ouviu o que eu disse?

D. Sophia

Ouvi. Dou-me por bem recompensada de todos os meus soffrimentos.

Guilherme

E o que me contou?

D. Sophia

O que lhe contei, o romance a que alludi, foi a sua conversão. A sorte não me podia ter concedido outro mais sublime. Com rasão lhe chamou milagre. Amo-o e creio agora no seu amor! *(Apertando-lhe a mão com enthusiasmo.)*

Guilherme *(como recordando-se, afastando-se com vehemencia)*

Mente... Engana-me... *(Tirando do bolso a carta)* Esta carta?.. esta carta?..

## SCENA VII

OS MESMOS E JORGE

**Jorge** *(vem pela porta do fundo, tem ouvido as ultimas palavras de Guilherme, dirige-se a elle, tira-lhe a carta das mãos)*

Pertence-me.

**Guilherme**

Tu!.. A ti!..

**D. Sophia**

O snr. Jorge!..

**Jorge**

Desde o momento em que me foi entregue esta outra. A resposta da snr.ª D. Sophia. Lê e pede perdão.

**D. Sophia** *(a Jorge)*

Como soube?..

**Jorge**

Adivinhei.

**Guilherme** *(que tem lido a carta, com profunda commoção)*

E acusava-a eu! Quanto sou culpado...

## SCENA VIII

OS MESMOS E JOANNA

**Joanna** *(entrando pelo fundo)*

Menina... menina... seu primo, o snr. Lourenço de Athayde, partiu agora mesmo. Encontrei-o já com o pé no estribo, e encarregou-me de fazer da sua parte as despedidas.

**Guilherme** *(a Jorge, com explosão de ciume)*

Foi então elle?

**Jorge**

Para que o queres saber? Nunca o perguntes.

**Guilherme**

Tens rasão.

**D. Sophia** *(dirigindo-se a Guilherme e offerecendo-lhe de novo a chave de ouro que tira do seio)*

Ainda a recusará?

**Guilherme** *(com alegria)*

De joelhos, só de joelhos sou digno de a receber. *(Ajoelha; entrega-lhe Sophia a chave; elle beija-lhe a mão.)*

**D. Sophia** *(levantando-o)*

Os peccadores arrependidos são sempre perdoados.

**Joanna**

Será um sonho o que estou vendo?

**Jorge**

É realisação do que lhe prometti. Lembra-se?

**Joanna**

Lembro. Torno a vêr feliz a minha querida filha.

**D. Sophia**

Graças ao auxilio dos dois. *(Para Joanna e para Jorge)* Como hei de agradecer-lhes?

**Joanna**

Basta-me um beijo.

Jorge

E a mim, os votos de uma boa viagem.

Guilherme

Vaes partir?

Jorge

Vou. Entre duas almas que se adoram, não ha espaço para a amisade.

D. Sophia

É injusto, mas é tambem firme nas suas resoluções. Não insistirei. Vae expôr a vida á inconstancia das vagas. Se o destino deixar de lhe ser propicio; se nos horisontes do mar e do céo lhe surgirem os vendavaes, lembre-se da minha chave de oiro. Começo a crêr que é um talisman...

Guilherme *(beijando-lhe a mão)*

E tu, meu amor, a fada que lhe transmittes o milagroso poder.

FIM DO ULTIMO ACTO.

# ENTRE O JANTAR E O BAILE

COMEDIA EM 1 ACTO

ORIGINAL

DE

J. RICARDO CORDEIRO JUNIOR

---

Representada nos theatros de D. Maria
e da Trindade.

# PESSOAS

| | | |
|---|---|---|
| A Baroneza de Guidadelha..... | Snr.as | Gertrudes. |
| D. Leonor Coutinho..... | » | Marianna Ferraz. |
| O Barão de Guidadelha..... | Snr.s | Cesar de Lima. |
| Jorge Coutinho..... | » | Rosa Junior. |
| Uma criada. | | |

A acção passa-se em Cascaes, no tempo de banhos.

Jorge

Seria... *(reparando n'ella, com alegria)* Que côres! Que purpurina rosa!...

D. Leonor *(baixando os olhos)*

Estás-me envergonhando...

Jorge

Porque? Preferias a pallidez do lyrio? Não tens rasão. Nada perdes em belleza...

D. Leonor *(com ingenuidade)*

Não? *(Estendendo meigamente a cabeça.)* Jura que não me achas mais feia.

Jorge *(beijando-a carinhosamente na testa)*

Ahi tens o meu juramento.

D. Leonor *(retirando a cabeça)*

Não era necessario tanto. *(Sorrindo)* Bastava uma palavra. Que grande pezar me tiraste...

Jorge

Pois receiavas?..

D. Leonor

Eu sei... Este ar, este sol...

Jorge

Crestam algumas flores... crestam... mas não todas. Vem nas aragens do mar tantos effluvios salutares, nos raios de sol do outomno tão suaves emanações de calor, que animam e vivificam. Chegámos não ha ainda um mez, e que mudança nas tuas faces desbotadas, nos teus olhares amortecidos! És outra hoje...

D. Leonor *(expansiva)*

Se me sinto tão bem... tão feliz...

Jorge *(apertando-a ao peito com ternura)*

Effeitos da abençoada liberdade d'este nosso viver. Ai, Leonor!.. se soubesses com quanta alegria eu te vi esta manhã, meiga, risonha, infantil, correr na areia mal enchuta da praia, saltar por sobre as pedras que a maré deixára a descoberto!.. Apesar do eminente risco de caíres...

D. Leonor *(interrompendo e rindo)*

De caír...

Jorge *(serio)*

Sim... Que admirava? Qualquer descuido... um pé mal seguro no terreno limôso e escorregadio...

D. Leonor *(rindo mais forte)*

Que infundados receios...

Jorge *(continuando)*

E podias ter caído... magoado, ferido as tuas delicadas mãos... *(como horrorisado)* o teu lindo rosto! Foi uma imprudencia. Não tornarei a consentir. *(Assenta-se n'uma cadeira ao pé da mesa.)*

D. Leonor *(com meiguice)*

Não? É o que nós veremos. Se te causei prazer... *(Encostando-se á cadeira de Jorge.)*

Jorge

E o susto? Enlevado na tua imagem, que parecia ter saído das ondas, fui quasi tão culpado, tão creança como tu... eu que devia ter juizo... que podia ser teu pae...

D. Leonor *(brincando-lhe com os cabellos)*

Meu pae!... Olhem estes cabellos brancos...

Jorge

Pelo menos teu irmão mais velho... muito mais velho... deves por isso obedecer-me. Respeito aos meus trinta annos... *(Levanta-se.)*

D. Leonor *(com uma cortesia)*

Quem o nega? *(Humildemente)* Os meus dezesete curvam-se respeitosos, *(com firmeza, sorrindo)* mas não lhe acceitam a tyrannia.

Jorge

Tyrannia!..

D. Leonor *(confirmando)*

Pois que outra coisa é?.. Prohibir-me o correr, o saltar... só pelo pretexto de que posso cahir! Minha tia prohibia-m'o tambem, quando eu era solteira... Não ganhei então nada em casar? *(Fica como irritada sem olhar para o marido.)*

Jorge *(rindo)*

Criança!..

D. Leonor *(offendida)*

Bem sei que o sou; *(ainda mais irritada)* hei-de sêl-o ainda por muito tempo... prouvera a Deus que

*

Jorge *(serio)*

Sim... Que admirava? Qualquer descuido... um pé mal seguro no terreno limôso e escorregadio...

D. Leonor *(rindo mais forte)*

Que infundados receios...

Jorge *(continuando)*

E podias ter caído... magoado, ferido as tuas delicadas mãos... *(como horrorisado)* o teu lindo rosto! Foi uma imprudencia. Não tornarei a consentir. *(Assenta-se n'uma cadeira ao pé da mesa.)*

D. Leonor *(com meiguice)*

Não? É o que nós veremos. Se te causei prazer... *(Encostando-se á cadeira de Jorge.)*

Jorge

E o susto? Enlevado na tua imagem, que parecia ter saído das ondas, fui quasi tão culpado, tão creança como tu... eu que devia ter juizo... que podia ser teu pae...

D. Leonor *(brincando-lhe com os cabellos)*

Meu pae!... Olhem estes cabellos brancos...

Jorge

Pelo menos teu irmão mais velho... muito mais velho... deves por isso obedecer-me. Respeito aos meus trinta annos... *(Levanta-se.)*

D. Leonor *(com uma cortesia)*

Quem o nega? *(Humildemente)* Os meus dezesete curvam-se respeitosos, *(com firmeza, sorrindo)* mas não lhe acceitam a tyrannia.

Jorge

Tyrannia!..

D. Leonor *(confirmando)*

Pois que outra coisa é?.. Prohibir-me o correr, o saltar... só pelo pretexto de que posso cahir! Minha tia prohibia-m'o tambem, quando eu era solteira... Não ganhei então nada em casar? *(Fica como irritada sem olhar para o marido.)*

Jorge *(rindo)*

Criança!..

D. Leonor *(offendida)*

Bem sei que o sou; *(ainda mais irritada)* hei-de sêl-o ainda por muito tempo... prouvera a Deus que

o fosse toda a vida. *(Esquecendo-lhe a offensa e voltando-se meigamente para Jorge.)* Pois não me tens dito, por muitas vezes, que por ser criança te agradei. Sou por tanto como desejavas. Agora has de soffrer me... has de ceder a todas as minhas vontades... a todos os meus desejos.

Jorge *(brincando-lhe com a mão)*

Menos no que te fôr prejudicial...

D. Leonor *(retirando a mão, de novo offendida)*

Oh! bem me tinha prevenido minha tia contra as tendencias despoticas de todos os maridos. *(Toma a posição da victima resignada.)*

Jorge *(pasmado)*

Pois ella disse tal? *(Leonor sem lhe responder faz com a cabeça um signal affirmativo bem pronunciado.)* E nem se quer exceptuou o barão?

D. Leonor

É como todos.

Jorge *(á parte)*

Pobre homem!

## SCENA II

OS MESMOS, A BARONEZA DE GUIDADELHA E O BARÃO DO MESMO TITULO

*(Entram pela porta que dá para a casa de jantar)*

**Baroneza**

Vimos em sua procura para não sermos obrigados a tomar café sósinhos na casa do jantar.

**Jorge**

Desculpe snr.ª baroneza, mas julgamos que teria tenção de vir para esta sala, e por isso viemos adiante.

**Barão** *(assenta-se na cadeira da direita da banca)*

E fizeram bem. Está aqui a gente mais desafogamente... Basta vêr-se o mar.

**Baroneza**

São gostos. Eu prefiro a vista do jardim e dos arvoredos. E o meu sobrinho?

Jorge

Ha-de permittir-me que não seja da mesma opinião.

Baroneza *(mostrando-lhe Leonor)*

Pois nem tendo ao seu lado uma flôr como esta prefere a vista dos jardins?

Jorge

Se no mar eu vejo reflectirem-se as estrellas.

Baroneza *(a um criado que entra com a bandeja com o serviço de café)*

Põe a bandeja em cima d'essa mesa. *(Dirige-se depois para a mesa e começa o servir o café.)*

D. Leonor *(a Jorge, sorrindo lisonjeada pelo comprimento)*

É uma reconciliação?

Jorge

Pois nós chegámos a estar mal?

D. Leonor *(séria)*

Muito mal.

**Jorge**

E eu que não dei por essa desgraça! Ainda assim, não é razão para que não abençôe agora a ventura. *(Beija a mão de Leonor: depois afastando-se e indo collocar-se defronte da janella do fundo)* Ora veja a snr.ª baroneza se ha espectaculo que se possa comparar com este. *(Apontando para fóra)* O sol desapparecendo por detraz das vagas illuminadas pelos seus ultimos raios, como se submergisse n'um mar de fogo.

**Barão** *(chegando á janella do fundo e olhando para o céo)*

Amanhã teremos um calôr de rachar!

**Baroneza** *(depois de ter servido Leonor, offerecendo uma chavena a Jorge)*

Quer muito ou pouco assucar?

**Jorge** *(indo receber a chavena)*

Nem pouco, nem muito. *(Pegando na chavena)* Mil agradecimentos. *(Chegando uma cadeira do fogão para defronte da janella D.)* Vem assentar-te aqui, Leonor.

**Baroneza** *(preparando o café para o barão)*

A ti é escusado perguntar.

Barão

Nunca é de mais.

Jorge *(Leonor assentada tendo acabado de tomar café, Jorge recosta-se-lhe na cadeira, e apontando para o céo)*

Olha o maravilhoso quadro. Começam de apparecer as sombras do crepusculo precursoras da noite. Como vae esmorecendo o vermelho do céo! Que suaves e variados tons lhe succedem!

Leonor

Tudo isto é tão triste. Faz vontade de chorar.

Baroneza *(sentada á mesa)*

É exactamente o que me acontece a mim: não por tristeza, mas por enfado. São as horas que mais custam a passar no campo.

Jorge

Não diga tal, snr.ª baroneza.

Baroneza

Porque?... Em Lisboa é outra coisa. Entre o

jantar e o theatro, são estas as horas destinadas para a toilette. Não dá a gente por ellas; mas aqui...

**Jorge**

Aqui devem-n'o ser para o intimo recolhimento em que a alma tanto se enleva.

**Barão** *(repoltreando-se na cadeira)*

E tambem para este abençoado socego do corpo que tanto ajuda a digestão.

**Baroneza** *(sorrindo e levantando-se)*

Será assim. Creio que ambos teem rasão. Hoje felizmente não terei de sentir o enfado de tão longas horas. O baile d'esta noite chama todas as minhas attenções.

**Jorge** *(admirado)*

O baile!..

**Baroneza**

Não sabia? Leonor não lh'o disse?

**Leonor** *(levantando-se)*

De todo me esqueci, minha tia.

**Baroneza** *(para Leonor)*

Pois é coisa que esqueça! *(Para Jorge)* Um baile que promette ser magnifico, em casa do visconde de Fontelonga.

**Barão** *(assustado, levantando-se)*

Para que estamos convidados?

**Baroneza**

Para que estou convidada.

**Barão** *(afflicto)*

E tencionas ir?

**Baroneza**

Que dúvida. Póde lá perder-se um baile, principalmente aqui, n'este desterro...

**Barão** *(indo assentar-se na cadeira da E da banca, desanimado, com um suspiro)*

Pobre de mim!

**Jorge** *(meio irritado)*

Decididamente a moda jurou matar a poesia da natureza. Um baile!..

Baroneza *(ironica)*

Vejam o grande attentado!

Jorge

Por certo. Ir abafar entre as quatro paredes de uma sala á luz, ardente dos lustres, ouvindo os guinchos atroadores de uma orchestra feroz, quando em toda essa orla do mar as praias suavemente illuminadas pela branda claridade da lua nos convidam a passear, ao som das ineffaveis harmonias da noute, dos encantados murmurios das vagas! Oh! não póde haver maior attentado!

Barão

Tem muita rasão. Ter a gente de abandonar este conchego... a commodidade da nossa cadeira... a perspectiva do gamão habitual... Ai que triste sorte!..

Baroneza

Será a tua, meu amigo...

Barão *(implorando)*

Por piedade! Poupa-me hoje ao martyrio do baile.

**Baroneza** *(compadecida)*

Pedes com taes modos... Quero uma vez ser generosa. Ficas dispensado.

**Barão** *(conchegando-se mais commodamente)*

Deus t'o pague.

**Jorge** *(á baroneza)*

Não váe então?

**Baroneza**

Não vou!.. Pois pôde suppôr?.. Conto com a sua companhia.

**Jorge** *(admirado)*

Com a minha companhia...

**Baroneza**

Está claro que sim.

**Jorge** *(o mesmo)*

Está claro!..

**Baroneza**

Pois não ha de acompanhar sua mulher?

**Jorge** *(ainda muito mais admirado)*

Minha mulher!.. *(para Leonor)* Pois tu queres tambem ir ao baile, Leonor?

**D. Leonor** *(naturalmente)*

O que te admira?

**Baroneza**

Sim... O que o admira?

**Jorge** *(espantado)*

O que!.. O que!..

**Baroneza** *(para D. Leonor)*

E vamos que já não temos muito tempo. Nem se quer veio ainda de Lisboa o cabelleireiro. Meus senhores. *(Comprimenta e dispõe-se para sair.)*

**D. Leonor**

Até logo.

**Jorge** *(que tem ficado estupefacto, quando ellas vão já a saír)*

Não póde ser... Baroneza... snr.ª Baroneza... Leonor... Leonor... não me ouves? *(Váe até á porta chamando-as.)*

**Baroneza** *(fóra da scena)*

Não podemos agora ter demoras.

---

## SCENA III

O BARÃO E JORGE

*(Este volta vagarosamente, vem collocar-se defronte da cadeira do Barão com os braços crusados, e modos interrogadores.)*

**Jorge**

E então?..

**Barão** *(naturalmente)*

Então o quê?..

**Jorge**

O que diz a isto, á maldita lembrança de irem ao baile?

Barão

Não a acho má!.. Como eu não vou...

Jorge

Mas quer a baroneza que eu vá.

Barão

Faz n'isso grande sacrificio?

Jorge

Se faço!...

Barão *(esfregando as mãos)*

É então dos meus: detesta os bailes... Não pensei. D'antes encontrava-o em todos.

Jorge

Era d'antes... agora porém, depois de casado...

Barão

Acostumou-se ás alegrias familiares e já não gosta dos prazeres das salas.

Jorge

Ha ainda outras rasões... rasões muito mais serias, que se prendem com todo o meu socego futuro.

Barão

Diga-as lá.

Jorge

N'outra occasião. O essencial agora é dissuadir sua esposa de ir ao baile...

Barão *(com sincero espanto)*

Dissuadil-a!.. Eu!..

Jorge

Pois quem?

Barão

Não a conhece meu amigo. É mais facil qualquer dos trabalhos de Hercules. Experimente...

Jorge

Na minha posição seria menos delicado... O barão, porém...

Barão

Qual! *(Com ar lamentoso)* Ouça meu amigo. Sem querer, veio tocar na chaga da minha vida, na origem de todos os meus males, no desgosto que me ha de acompanhar até á cova.

Jorge

Não o comprehendo.

Barão *(assentando-se no sophá e Jorge na cadeira ao pé)*

Eu lhe explico tudo. Sabe que enriqueci pelo commercio. Trabalhei, como um mouro, por muitos annos, desde o romper do sol até alta noite, animado só pela esperança de chegar um dia em que podesse descançar; assentar-me n'uma cadeira; passar commodamente o resto da minha vida, sem os cuidados do negocio, nem quaesquer outros, fossem de que natureza fossem. Realisou-se o meu sonho. Enriqueci e... casei.

Jorge *(rindo)*

N'isso foi contradictorio. Se não queria cuidados fez mal.

Barão

Não fiz. Minha mulher — bem a conhece — é quasi

uma santa. Tem só um defeito... No começo não dei per elle. Manifestou-se porém no dia em que cometti a imprudencia de a levar ao primeiro baile.

Jorge *(levantando-se)*

Veja ahi o perigo.

Barão *(levantando-se)*

D'aquelle dia em diante, tornou-se a minha casa n'um verdadeiro inferno. Para manter a paz domestica tive de ceder aos desejos de minha mulher... O que eu fiz, santo Deus!.. Ao primeiro baile, seguiu-se o segundo... ao segundo o terceiro... o quarto... o quinto... um nunca acabar de bailes que me fizeram andar com a cabeça á roda... *(Com profundo desgosto)* Mas se tivesse sido apenas isso...

Jorge *(assustado)*

Então o que foi mais?

Barão *(triste)*

O que foi? Já me ia habituando áquella indiabrada vidinha, quando soube...

Jorge *(ainda mais assustado)*

Quando soube?

Barão

Que fôra nomeado commendador.

Jorge *(á parte)*

Respiro. *(Alto)* Podia ser peor.

Barão

Qual, meu amigo... *(Rindo)* Eu commendador!.. Que remedio. Para manter a paz domestica, pespeguei a medalha na casaca. E no primeiro baile, a que tive de acompanhar a minha serva de Deus, entrei todo envergonhado nas salas sem que isso me poupasse ás risadinhas dos meus amigos. Ao voltar, porém, vinha quasi feliz porque pensava que de todo teria acabado com as inquietações caseiras. *(Com um suspiro)* Enganei-me.

Jorge

Outra desgraça.

Barão

É verdade. O sacrificio da commenda tinha sido perdido. Ninguem tratava minha mulher pela senhora *commendadeira*, e ella nem á mão de Deos padre queria ser simplesmente tratada pelo nome do baptismo. Foi então que lhe surgiu a maldita lembrança de me fazer barão.

Jorge

Para ella...

Barão

Para ella ser baroneza, está claro... O que não conseguem mulheres!.. Afim de manter a paz domestica cedi. Um acto de philantropia graúda alcançou-me o desejado titulo. Ficou n'uma continha calada... perto de cinco contos.

Jorge

Em inscripções?

Barão *(com um suspiro)*

Prouvera a Deus... mas qual!.. em bom dinheiro de contado.

Jorge

Não foi barato, não.

Barão

O peor não foi isso. O meu amigo ha de fazer-me a justiça de que sou um homem sensato. Imagine pois a cara com que appareci nas salas depois de barão. As gargalhadas perseguiam-me como n'um côro infer-

nal. Que havia de fazer? Em compensação tinha o socego de portas a dentro. Minha mulher era feliz.

Jorge

E os bailes?

Barão

Continuaram. A baroneza, que era então mais nova e menos gorda, dançava... Eu, que nunca fui para danças, jogava... jogava o voltarête... e para imaginar como bastará dizer-lhe que por muitas vezes me descartava do basto, e não poucas da propria espadilha... É facil de suppôr que perdia sempre, mas sempre tambem com cara alegre. Os parceiros diziam-me: perde como um barão!

Jorge *(sorrindo)*

Prestavam assim culto á sua bizarria fidalga.

Barão

Nada. Pensavam lisongear-me, mas eu bem os percebia. O que elles queriam dizer era: perde como um tolo.

Jorge

Talvez não fosse tanto.

**Barão**

Era, era. Ora ahi tem as fataes consequencias da paixão de minha mulher pelos bailes. *(Assenta-se na cadeira da meza.)*

**Jorge** *(como tirando uma conclusão)*

E tudo proveniente de ter ído ao primeiro. Veja. É exactamente por isso que eu não consentirei que Leonor vá ao baile d'esta noite. Quantas desgraças! E podiam ainda ser maiores...

**Barão** *(levantando-se assustado)*

Podiam?

**Jorge**

Com certeza. Muito maiores... De que Deus o livrou...

**Barão**

Pois olhe nunca dei pelo perigo. *(Torna a assentar-se.)*

**Jorge**

Foi uma felicidade. *(Resoluto)* Decididamente não quer ou não póde dissuadir a snr.ª baroneza do seu intento?

Barão *(encolhendo os hombros)*

Depois do que lhe disse...

Jorge

Tem rasão. Eu a dissuadirei...

Barão

Olhe que é impossivel...

Jorge

Com relação á baroneza, talvez; em quanto a Leonor, juro-lhe que o hei-de conseguir.

Barão

Eu sei. Educada com a tia, tem já a paixão inveterada.

Jorge

Eu lh'a farei perder.

Barão *(levantando-se)*

Duvido. Mas se o poder conseguir, faz bem. Nada ha que se possa comparar a ser a gente casado com uma mulher que não gosta de bailes.

Jorge

Acredito... acredito...

Barão *(olhando para a porta do quarto da baroneza)*

Olhe, ahi vem Leonor... Aproveite a occasião.

---

## SCENA IV

OS MESMOS E D. LEONOR

*(Sahindo dos quartos da baroneza e dirigindo-se para a porta fronteira)*

D. Leonor *(vendo os dois)*

Ainda aqui...

Jorge

Estimo bem que viesses. Preciso fallar-te.

D. Leonor

Agora não posso. Vou com muita pressa.

Jorge *(detendo-a)*

Onde vaes?

D. Leonor *(querendo desembaraçar-se)*

De mandado da tia, saber se já chegou o cabelleireiro.

Jorge

A tia que espere. Ouve cá.

D. Leonor *(querendo fugir)*

Ella sim... Está já tão zangada com a demora.

Jorge

É muito urgente o que tenho para te dizer.

D. Leonor

E o cabelleireiro não é urgente? Estas horas já... Deixa-me, deixa-me ir...

Jorge *(segurando-a)*

Não. Já te disse que não. O tio nos fará o favor de ir em teu lugar.

Barão *(levantando-se com custo da cadeira)*

Eu!..

Jorge *(ao Barão)*

Sim. É no interesse de ambos nós.

Barão *(a Jorge)*

Como?

Jorge *(ao Barão)*

Eu lhe direi depois.

D. Leonor

Se o tio váe...

Barão

Obedeço. Vou. É saber se já chegou o cabelleireiro?

D. Leonor

É... No caso de não ter chegado, mandar um creado para vêr se o encontra no caminho.

Barão

Tenho entendido. *(Sáe resignado.)*

---

## SCENA V

JORGE E D. LEONOR

**D. Leonor** *(com curiosidade)*

O que terás tu para me dizer?

**Jorge**

Uma coisa muito importante. *(Pegando-lhe na mão e conduzindo-a para uma cadeira)* Assenta-te aqui.

**D. Leonor** *(assenta-se e elle tambem)*

Estou esperando.

**Jorge** *(beijando-lhe a mão com caricias)*

Será certo que a minha Leonorsinha é realmente extremosa pelo seu marido?

**D. Leonor** *(sorrindo)*

Quem o duvida?

**Jorge** *(brincando-lhe com a mão)*

Que deseja agradar-lhe muito.

D. Leonor

Por certo.

Jorge *(o mesmo)*

Fazer-lhe todas as vontades. Cedêr a todos os seus desejos?

D. Leonor *(começando a desconfiar)*

Conforme.

Jorge *(beijando-lhe a mão)*

Conforme?

D. Leonor

Está claro. Se os desejos forem justos...

Jorge *(meigamente)*

Que outros posso eu ter?

D. Leonor *(como recordando-lh'os)*

Ás vezes...

Jorge

Por exemplo...

D. Leonor

Ainda não ha muito...

Jorge *(tornando a pegar-lhe na mão)*

Tens rasão. Ámanhã correrás e saltarás na praia quanto te aprouver.

D. Leonor *(alegre)*

Bravo! como estás condescendente!

Jorge

O meu desejo, porém...

D. Leonor *(curiosa)*

Dize...

Jorge

É que não vás ao baile d'esta noite...

D. Leonor *(voltando a cabeça e levantando-se)*

Ora...

Jorge

Poi não estamos bem aqui. Está uma noite de luar tão linda! Passearêmos no jardim...

D. Leonor *(com enfado)*

Como hontem...

Jorge *(levantando-se tambem)*

E como ámanhã. A felicidade é assim. Estando sempre ao lado um do outro...

D Leonor *(sem se atrever a replicar)*

Por certo.

Jorge

Tenho um segredo para te contar. Uma historia que te ha de interessar muito.

D. Leonor

Ficará para outro dia. Hoje porém deixa-me ir ao baile.

Jorge *(sério)*

Deixo. Estimaria antes que não quizesses ir.

D. Leonor *(sorrindo)*

Mas se esse caso não se dá.

Jorge *(passeando zangado)*

Bem.

D. Leonor *(com meiguice)*

Ficas zangado?

Jorge *(sem olhar para ella)*

Não.

D. Leonor

Bem vejo que ficas. Sem rasão. Pode haver algum mal em ir ao baile?

Jorge *(com desprendimento)*

Nenhum... podes ir.

D. Leonor *(affavel)*

E tu?

Jorge *(indifferente)*

Não sei ainda.

D. Leonor *(impaciente)*

Estás-me torturando.

Jorge *(ironico)*

Estou, divirto-me n'isso.

D. Leonor

E divertes. Como se explica d'outro modo o teu capricho? N'um baile me encontraste pela primeira vez; em outro continuou o nosso amor. Dizias-me então que era formosa... *(Sorrindo)* Não pensarás já assim?.. não m'o quererás dizer como d'antes?

Jorge

Com mil vontades... mas não desejo que os outros t'o digam.

D. Leonor *(rindo)*

É só por isso! Pois não os ouvirei se m'o disserem. Estás satisfeito? *(Saltando-lhe ao pescoço de contente)* Has-de permittir-me que vá ao baile. Sim? Concedote a primeira walsa. Não quererá walsar com a sua esposa, que d'antes achava tão leve, tão aéria?

Jorge *(sombrio)*

Não teria n'isso duvida, mas receio que os outros sejam da mesma opinião.

D. Leonor

O que tem isso?

Jorge

O que tem!..

D. Leonor

Devia lisonjear-te.

Jorge

Devia... E podeste suppôr que eu consentiria em te abandonar no meio da multidão, que tumultua nas salas?.. Que havia de vêr-te passar, cingida pelo braço de um outro homem, com o peito a arfar, a respiração anhelante, os cabellos em desordem, nos giros vertiginosos de uma walsa doudejante?.. Enganaste... Não... não irás ao baile...

D. Leonor *(como aterrada)*

Não irei?..

Jorge

Não, de novo t'o digo..

**D. Leonor** *(quasi a chorar)*

Porque?

**Jorge**

Porque eu não quero que vás.

**D. Leonor**

Não queres. *(Com desespêro)* Para que havia eu de me casar. *(Desatando a chorar)* Oh!.. o despotismo... o despotismo dos homens!

---

## SCENA VI

D. LEONOR, JORGE E A BARONEZA

**Baroneza** *(sahindo dos quartos)*

Leonor!.. Leonor!.. Onde se terá mettido esta Leonor?

**D. Leonor**

Minha tia.

**Baroneza** *(voltando-se e vendo-a)*

Ah! estavas aqui!.. Então o cabelleireiro? *(Reparando n'ella)* O que é isto?.. Que tens?.. Choras?..

D. Leonor *(procurando disfarçar)*

Não, senhora... não choro...

Baroneza

Bem vejo... é escusado negar. *(Para Jorge, severa)* Qual é a causa das suas lagrimas, meu sobrinho?

Jorge *(seccamente)*

Não sei.

D. Leonor *(como recriminando-o)*

Não sabe...

Baroneza *(a Jorge, accusando-o)*

Pois quem ha-de saber? *(A Leonor com meiguice)* Dize... dize... minha pobre Leonor.

D. Leonor *(mal se atrevendo a fallar)*

É que meu marido...

Baroneza *(animando-a)*

Teu marido...

*

D. Leonor

Prohibiu-me de ir ao baile...

Baroneza *(com horror)*

Prohibiu!!.. Repete outra vez essa palavra, que julgo não ter ouvido bem.

D. Leonor *(affirmando)*

Prohibiu.

Baroneza

Pois é possivel!.. Não acredito, não posso acreditar..

D. Leonor

É infelizmente bem certo.

Baroneza

Preciso ouvil-o da sua propria bôca. *(Para Jorge)* É verdade o que diz minha sobrinha?

Jorge *(firmemente)*

É verdade, senhora baroneza.

Baroneza *(indignada)*

E não se envergonha de o dizer!.. *(Abraçando e acariciando Leonor)* Pobre victima!..

D. Leonor

Bem mereço a sua compaixão.

Jorge *(á parte, resignado)*

Ahi me teem feito tyranno!..

Baroneza *(desesperada)*

Mas que motivo... que rasão justifica tão grande tyrannia?

D. Leonor

É assim... uma grande tyrannia. E então porque!.. Pelos receios de que me chamem formosa, e de que algum par, com quem eu dançar, me ache leve e aérea na walsa...

Baroneza *(sorrindo)*

Pois é só por isso?

**Jorge** *(não se podendo conter)*

E acha pouco?

**Baroneza** *(desatando ás gargalhadas)*

Cioso!.. ah!.. ah!.. ah!..

---

## SCENA VII

OS MESMOS E O BARÃO

*(Vindo da porta por onde sahiu.)*

**Barão** *(indo a dar a resposta da incumbencia)*

O cabelleireiro... *(Vendo a mulher)* O que é isto?! A baroneza ás gargalhadas!..

**Baroneza** *(vendo-o e rindo sempre)*

Veio a proposito. O caso era perdido em tão pouca gente.·. Não quer vêr o snr. Jorge Coutinho prohibindo á nossa Leonor de ir ao baile, só pelos ciumes antecipados dos que podem achal-a formosa... ah!.. ah!.. ah!..

Jorge *(desesperado)*

Ha-de perdoar-me que lhe diga, que as suas gargalhadas são intempestivas.

Baroneza

Mais intempestivos são os seus absurdos receios.

Barão *(querendo concilial-os)*

Então baroneza... respeite as opiniões alheias...

Baroneza

Que as respeite!.. opiniões velhas, rançosas... *(Para Jorge)* Parece que não é d'este seculo!.. Nossos avós não eram tão assustadiços!..

Jorge

E quantos d'elles se arrependeriam de o não ser. Se os evocasse, aposto que se haviam de levantar das sepulturas para me darem razão. O mal é antigo.

Baroneza

Santo Deus!.. O que eu estou ouvindo!.. Nunca o esperei. O senhor... um homem intelligente... espirituoso...

Jorge *(sorrindo)*

Engana-se. Não tenho nenhum d'esses dotes.

Baroneza

Que sempre viveu nas salas... Tão assiduo frequentador dos bailes...

Jorge *(interrompendo-a)*

Por essa mesma rasão. Conheço-lhes melhor os perigos.

Baroneza *(a Leonor)*

Enganei-me no marido que te dei...

Barão *(a Jorge)*

As suas palavras estão-me abrindo um novo mundo. Nunca encarei a questão por esse lado...

Jorge

Pois é o essencial.

Barão *(apertando-lhe a mão)*

Tem-me a seu favor.

Baroneza *(a Jorge)*

Abandonou então a causa da elegancia; desertou com armas e bagagens para o inimigo; passou-se para as fileiras dos maridos caturras?.. Que vergonha!..

Barão *(a Jorge)*

Não faça caso...

Baroneza

Que ridiculo!

Jorge

Não lhe dê cuidado, baroneza. Tenho valor para arrostar com esse ridiculo... Antes esse...

Barão *(apoiando)*

Muito bem.

Baroneza

Talvez se engane. Não imagina quanto póde a cólera feminina. As suas doutrinas vão acarretar-lhe o odio das amigas de Leonor, e tambem o de todas as minhas amigas.

Jorge

Paciencia.

Barão *(n'um meio áparte)*

Hão-de fazer-lhe grande mal.

Baroneza

Será posto pelas ruas da amargura.

Jorge

É-me indifferente.

Barão *(o mesmo, esfregando as mãos)*

Bravo!.. bravo!..

Baroneza *(com indignação)*

Um marido que no tempo em que vivemos se recusa a levar sua mulher aos bailes! E' inaudito!..

Jorge

Por certo. E' inaudito! Um marido que ama sua mulher... que deseja vel-a feliz...

Baroneza

Feliz!.. Como póde ella sel-o encerrada sempre entre quatro paredes... Pois ignora que os bailes são

tão indispensaveis na existencia feminina como o ar, como a luz, como o sol?..

Jorge

Mais indispensavel lhe é ainda a serena alegria do lar domestico que não é perturbada pelas intrigas... nem pelas seducções das salas.

Barão

Apoiado!.. E' o que eu devia ter dito.

Baroneza

As intrigas... as seducções... nada podem na mulher que présa a sua dignidade, que respeita os seus deveres, que honra o nome de que usa.

Jorge

Quem diz o contrario? Mas devemos por isso abandonar um coração joven, inexperiente, cheio de illusões, aos perfidos artificios da hyprocrisia, da malvadez, da traição? O que tem de ganhar n'essa lucta medonha, d'onde, mesmo as que sahem vencedoras, trazem ás vezes feridas crueis... as feridas da calumnia...

Barão *(enthusiasmado, apertando a mão a Jorge)*

Porque não o conheci eu ha mais tempo, meu amigo.

Baroneza

Pois tambem!.. Ai, barão, perde o seu tempo se vem de reforço ás heresias que temos ouvido...

Barão *(solemne)*

Heresias!.. São verdades, senhora... verdades de uma grande sabedoria!..

Baroneza

Perdôo-lhe porque não sabe o que diz.

Barão *(offendido)*

Não sei.

Baroneza

Em vez de estar ahi soltando palavras ao vento, é melhor que se vá preparando para nos acompanhar.

Barão *(humilde)*

Pois não estava dispensado?

Baroneza

Estava; mas agora, na falta do snr. Jorge Coutinho... Não é já cedo. Vamos, Leonor. *(Dispõem-se para saír.)*

Jorge *(a Leonor)*

Insistes em ir?

D. Leonor *(receiosa e perplexa)*

Não hei-de desobedecer a minha tia.

Jorge *(vehemente)*

E a mim? *(Leonor pára hesitando.)*

Baroneza

Vem. Eu tomo a responsabilidade.

D. Leonor *(para o marido)*

Bem vês... Mas não te zangues... não...

Jorge

E é a senhora que lhe aconselha a desobediencia...

Baroneza

Pois contra ordens despoticas...

Leonor *(como implorando do marido)*

Jorge...

Baroneza

Além d'isso seria de máo exemplo. Por sua causa já se manifestaram hoje em meu marido os primeiros symptomas de rebellião. E' preciso que não vão mais longe... Vem, Leonor. *(Sáe, levando-a comsigo).*

---

## SCENA VIII

JORGE E O BARÃO

*(Assentado com modos resignados)*

Jorge *(defronte da cadeira do barão)*

Ouviu?..

Barão *(paciente)*

Ouvi.

Jorge

Que lhe parece?..

Barão

E' melhor não fazer caso. Desabafos de senhora...

Jorge

E sempre as acompanha?

Barão

Que remedio... E' o que me sáe mais barato... Se as não acompanhasse, era ahi um inferno por uns poucos de dias.

Jorge

A sua bondade é que nos perde.

Barão *(meneando a cabeça em signal de approvação)*

Isso sei eu... Mas que hei-de fazer? Ensine-me, diga-me.

Jorge *(resoluto)*

O quê?.. Resistir...

Barão *(lamentoso)*

Seria bom no começo, seria... Agora, porém, é tarde.

Jorge

E' para eu não ter de dizer o mesmo, que estou na firme resolução de não deixar ir Leonor ao baile.

Barão

Mas como?.. Eu já disse o que pensava a esse respeito, e bem viu que não me enganei... Nada conseguiu com as suas diligencias... *(Sorrindo)* Aqui para nós: a verdade é que se minha mulher me desobedece, a sua nem por isso lhe obedece muito...

Jorge

Influencias da baroneza...

Barão

Talvez. *(Rindo e esfregando as mãos)* Mas confesse que somos companheiros na mesma desgraça.

Jorge

Veremos. *(Passeando inquieto, como a si proprio)* Sou casado ha dois mezes. É esta a primeira questão...

necessito vencer a teima de Leonor... aliás estou perdido!..

Barão *(affirmando)*

Lá isso está!.. Ponha os olhos em mim.

Jorge *(reflectindo)*

É necessario descobrir um meio qualquer para evitar que nossas mulheres vão ao baile.

Barão

Mas qual?

Jorge

Qual?.. Essa é a difficuldade... Veja se o descobre... procure... ajude-me. O caso interessa a ambos nós. Qualquer estratagema. *(Pensando.)*

Barão *(pensando tambem)*

Não encontro nenhum.

Jorge *(como tendo encontrado)*

Ah!..

Barão

Encontrou?..

Jorge *(alegre)*

E magnifico. O cabelleireiro ainda não chegou?

Barão

Ainda não.

Jorge *(com enthusiasmo)*

Excellente. Deve vir no caminho. Iremos ao seu encontro; dir-lhe-hemos que já não são precisos os seus cuidados; faremos assim com que volte para Lisboa... *(O barão mostra não participar do enthusiasmo de Jorge.)* Suppõe que elle não acreditará nas nossas palavras?.. Duas ou tres libras o resolverão... e se insistir ainda, agarramo-l'o, maniatamo-l'o, prendemol-o por algumas horas... Que lhe parece?

Barão

Muito bem. Tem só um pequeno inconveniente. É que a baroneza, que esteve quinze dias de cama por lhe ter faltado uma vez o cabelleireiro, tomou, como prevenção, uma criada que sabe pentear, e em ultima caso...

Jorge *(desapontado)*

Dispensará o cabelleireiro. Falhou então este recurso. Veja se encontra algum outro. *(Reflectindo.)*

Barão

Eu!..

Jorge

Sim... Porque não?

Barão *(depois de ter pensado por alguns instantes)*

Espere ahi. *(Batendo na testa)* O que é abrirem o caminho á gente!.. Tenho uma lembrança...

Jorge *(soffrego)*

Diga... Diga...

Barão

Se fizessemos uma carta, em nome do visconde, participando que por qualquer motivo ficava transferido o seu baile...

Jorge

Mas que motivo...

Barão *(depois de pensar alguns instantes)*

Que elle tinha morrido por exemplo.

Jorge *(ironico)*

Nenhum melhor...

*

**Barão** *(preparando-se para ir escrever a carta)*

Mãos á obra...

**Jorge** *(suspendendo-o)*

A sua letra, porém, será conhecida.

**Barão**

E a sua?

**Jorge**

A minha tambem.

**Barão**

É verdade. E não temos ninguem que escreva a carta. Mais uma lembrança perdida...

**Jorge**

Tambem não importa. Tenho uma outra melhor.

**Barão**

Tem!

**Jorge**

Esta agora é infallivel. Está disposto a gastar algum dinheiro para conseguirmos o nosso fim?

Barão

Que pergunta!

Jorge

Bem. O meio é decisivo. Mande partir um dos eixos á carruagem...

Barão *(duvidando)*

Um... um...

Jorge

Não quer entrar n'essa despeza?

Barão

Não é isso...

Jorge

Então o que é? Não ha aqui perto quem empreste ou alugue outra carruagem, e as senhoras não poderão andar meia legua a pé com a poeira que ha na estrada...

Barão *(com um suspiro)*

O meu amigo não conhece ainda bem minha mulher. Olhe que não deixará por isso de ir ao baile...

Jorge

Como?.. Não tendo carruagem.

Barão

Irá no carro da quinta.

Jorge

O quê! no carro puchado a bois?..

Barão

O que o admira? Seria capaz até de exigir que eu a levasse ao collo...

Jorge *(desanimado)*

Quando este meio falhou... desisto de encontrar qualquer outro.

Barão

Desista... desista. Faça como eu: resigne-se.

Jorge *(vehemente)*

Não... não... é impossivel... *(Passeando desesperado)* Hei-de encontrar algum recurso... Ah! finalmente.

Barão

Encontrou. Diga-o lá.

Jorge *(tocando a campainha)*

Este depende só da minha execução.

Barão

O que vae fazer?

Jorge

Espere e verá.

Uma criada

O senhor chamou?

Jorge

Chamei sim. Vá dizer á snr.ª D. Leonor, que lhe mando pedir o obsequio de chegar a esta sala. *(A criada sáe.)*

Barão

Vae renovar as suas diligencias? Não viu já que foram perdidas.

**Jorge**

É impossivel que ella agora não ceda. Se eu lhe pedir...

**Barão**

Meios brandos. Faz mal se entra n'esse caminho. *(Com um suspiro.)* Foi o que me perdeu.

**Jorge** *(sorrindo)*

Talvez me salve a mim.

**Barão**

Deus o permitta. *(Vae de novo assentar-se na cadeira como preparando-se para ser espectador.)*

---

## SCENA IX

O BARÃO, JORGE E D. LEONOR

**D. Leonor** *(entrando)*

Aqui me tens, Jorge. Que me queres?

**Jorge** *(affectuosamente)*

Primeiro que tudo agradecer-te por teres vindo.

D. Leonor *(anciosa)*

Depois?

Jorge *(vagarosamente)*

Depois pedir-te...

D. Leonor *(interrompendo-o)*

Pedir-me talvez de novo para não ir ao baile?

Jorge

E se fosse isso?

D. Leonor

Teria de recusar novamente. *(Penalisada)* Não vês que seria desgostar minha tia.

Jorge

É assim. Reconheço que não tinha rasão no meu pedido.

Barão *(á parte)*

O que diz elle!..

D. Leonor *(alegre)*

Ainda bem que o confessas... E arrependeste?

Jorge *(humildemente)*

Estou já arrependido. *(Indo quasi ajoelhar diante da cadeira em que ella se tem assentado.)*

Barão *(olhando para ella pasmado)*

É o que me faltava vêr!

Jorge *(continuando)*

E tão arrependido, que senti a necessidade de te pedir perdão.

D. Leonor *(contente)*

E foi para isso que me chamaste?

Jorge *(beijando-lhe a mão)*

Foi para isso, foi: perdôas?

Barão *(á parte)*

Está perdido o desgraçado!

D. Leonor

Perdô-o, com a condição...

Jorge

Que te aprouver — dize...

D. Leonor

De não tornares a ter exigencias tão desarrezoadas. Juras?

Jorge

Juro.

Barão *(á parte)*

É tal qual como eu. Pobre rapaz!

Jorge

Sou eu agora quem te peço para ires ao baile.

D. Leonor

Ainda bem.

Barão *(á parte)*

E' como todos... Tambem que admira... Se já houve não sei que heroe que fiava aos pés da amante.

Jorge *(para Leonor, que se tem levantado)*

Vae-te arranjar. Não é cedo.

D. Leonor

Nem tarde.

Jorge *(vendo o relogio)*

São mais de oito horas. Já por ahi passaram na carruagem, o commendador Figueira e a filha...

D. Leonor *(sobresaltada)*

A filha viuva?.. Ella está em Cascaes?

Jorge

Está. Creio que chegou esta manhã.

Barão *(á parte)*

Que mentiras está elle pregando.

D. Leonor *(inquieta)*

E vae ao baile?

Jorge

Com certeza. Dirigia-se para lá.

D. Leonor *(mais inquieta)*

Viste bem?

Jorge

Perfeitamente. E tambem a viu o snr. Barão...

Barão

O quê!

D. Leonor *(dirigindo-se ao Barão)*

É verdade, tio? *(Jorge por detraz de D. Leonor, faz-lhe signaes que o Barão por fim percebe.)*

Barão *(depois de hesitar)*

É... é verdade. Por tal signal que levava uma toilette côr de rosa...

D. Leonor *(desconfiada)*

Côr de rosa!.. Sendo viuva.

Jorge

É que não reparou bem... effeito do luar... era côr de violeta.

D. Leonor *(com intenção)*

E como tu reparaste.

Jorge

Mas vae te arranjar que já não temos muito tempo.

D. Leonor

Que pressa!

Jorge

Não havemos de entrar nas salas á meia noite.

D. Leonor *(fixando Jorge)*

Começo a desconfiar da causa da tua mudança.

Jorge

Foi para te agradar...

D. Leonor *(começando a zangar-se)*

Sim...

Jorge

Para agradar á minha querida Leonor. *(Pegando-lhe na mão para a beijar.)*

D. Leonor *(repellindo a mão de Jorge)*

Deixe-me... Já não quero ir ao baile.

Barão *(á parte)*

Começo a perceber.

Jorge *(á parte)*

Sortiu effeito. *(Alto)* Não queres...

D. Leonor *(batendo o pé na casa)*

Não... não... e não!

Jorge *(fingindo-se zangado)*

Que novo capricho!.. É isto um jogo de crianças? Tem paciencia... agora has-de ir...

D. Leonor *(desesperada)*

Juro-te que não irei... Oh! como eu sou desgraçada! *(Depois de derramar algumas lagrimas, mudando de tom; meiga para o marido)* Tem piedade de mim, Jorge... Porque não havemos de ficar em casa? Em parte alguma estou melhor do que ao teu lado... Com uma noite tão linda de luar... passearemos no jardim.

Jorge

Levantou-se muito vento. Está uma noite desagradavel.

**D. Leonor** *(como supplicando)*

Pois ficaremos n'esta sala. Tocarei piano... uma nova phantasia sobre os *Huguenotes*, que ainda não ouviste... has-de gostar... tinha-a estudado expressamente para casa do visconde, mas tocal-a-hei só para ti... *(Lançando-lhe os braços ao pescoço)* É muito melhor... se és tu a unica pessoa a quem desejo agradar.

**Barão**

Estou maravilhado!

**Jorge**

Ficará para outra noite. Hoje...

**D. Leonor** *(desesperada)*

Hoje desejas ir ao baile. Chegou-te o desejo desde que soubeste que ía a formosa viuva, a tua antiga apaixonada...

**Jorge** *(rindo)*

Que lembrança!...

**D. Leonor**

Has-de negar que lhe fizeste a côrte?

Jorge

Não passou d'um pequeno galanteio.

D. Leonor *(com a maior indignação)*

E ainda o diz, meu Deus!..

Jorge

Socega... socega, Leonor.

D. Leonor

Cuidas que me enganas?.. *(Enraivecida)* Queres ir ao baile porque ella vae!.. E eu, que tu julgavas ignorar tudo, havia de ser testemunha de tão negra infidelidade... Havia de os vêr fallarem-se, comprimentarem-se, trocarem olhares de intelligencia, sorrisos apaixonados... Oh! os homens!.. os homens!..

Barão *(á parte)*

Que tal!

Jorge

Como és injusta.

D. Leonor *(ironica)*

E já não receias que me chamem formosa?..

Jorge

Se realmente o és.

D. Leonor *(como proseguindo na mesma ideia)*

E has-de dançar com ella... Cingil-a nos teus braços, aspirar-lhe o perfume dos cabellos, sentir-lhe a cabeça recostada sobre o peito, e correr veloz, atravez das salas, alegres e felizes... E eu enganada, escarnecida... Não ha maior indignidade!

Barão *(á parte)*

É uma leôasinha!

Jorge

São loucuras da tua imaginação. Paciencia. Se não quizeres ir, irei eu...

D. Leonor

Irás sem mim?

Jorge

Que remedio.

D. Leonor

Vae... vae... faz o que quizeres.

Jorge

E tu?

D. Leonor

Eu?.. Vou chorar a minha desgraça. Ámanhã terei de me recolher a um convento. É o refugio de todas as victimas.

Jorge *(com um comprimento)*

Serão cumpridos os teus desejos... *(Leonor faz uma saída falsa, caminhando vagarosamente, olhando sorrateira para vêr se elle a chama. Jorge não a perde de vista.)*

Barão *(a Jorge, com enthusiasmo)*

Consinta que o admire! É um grande engenho!

Jorge

Que lhe pareceu?

Barão *(penalisado)*

Excellente... E eu que nunca me lembrei! Tambem ainda não é tarde; na primeira occasião...

*

D. Leonor

E não me chama. Não faz nenhum caso de mim. *(Cáe n'uma cadeira triste e chorosa.)*

---

## SCENA X

OS MESMOS E A BARONEZA

Baroneza *(entrando, gesticulando com animação)*

Isto é já muito... perto das nove horas! Estou desesperada.

D. Leonor *(levantando-se)*

O que é minha tia?

Baroneza

Não teremos remedio senão de nos pentearmos com a Joanna, por que ainda não veio o cabelleireiro. E tu ainda aqui!.. Anda, vae ter com ella... talvez n'este intervallo...

D. Leonor

Não preciso pentear-me.

Baroneza

Não!.. Porquê?

D. Leonor

Porque já não vou ao baile...

Baroneza

Cedeste por fim ás ordens do teu marido. Fizeste bem...

Jorge

Engana-se, minha senhora. Sou eu até que lhe peço agora para ella ir.

D. Leonor

Se soubesse o motivo...

Baroneza

Não te entendo... Verdade, verdade, que os não entendo... tão depressa querem, como não querem.

Jorge

A culpa não é minha.

D. Leonor *(vivamente)*

Nem minha...

Baroneza

Não sei... mas inclino-me a que será do snr. Jorge Coutinho. Com as suas fosseis doutrinas, veio pôr tudo em confusão... Até meu marido!.. sempre tão docil aos meus pedidos... se lembrou hoje de reagir contra elles!

Barão *(meigo)*

Perdôa minha querida pomba...

Baroneza *(sorrindo)*

Como está amavel!..

Barão *(o mesmo)*

Perdôa se não cedi logo aos teus desejos... Bem arrependido estou!.. Foi a primeira vez e será a ultima... *(Á parte a Jorge)* Vou assim bem?

Baroneza

Deus o permitta...

Jorge *(á parte)*

Vae deitar tudo a perder.

Barão

Juro!

D. Leonor *(á parte)*

Parecem as palavras do meu marido.

Baroneza *(ao barão, que tem querido ajoelhar aos seus pés)*

Levante-se! Que tolice é essa?

Jorge *(á parte)*

Está-me parodiando, o maldito!

Barão *(terno)*

Se imaginasses com quanto prazer te acompanho esta noite... O baile deve estar magnifico. As salas do visconde são afamadas e a concorrencia...

Baroneza

Estou-o desconhecendo...

**Barão** *(dirigindo-se intencionalmente á baroneza)*

E então a concorrencia!... A flor da sociedade... senhoras elegantes, formosissimas...

**Baroneza**

Por certo...

**Barão** *(á parte)*

Pois que! Não se sobresalta? *(Alto, ainda mais intencionalmente)* As mais notaveis bellezas... *(Com um suspiro)* Um verdadeiro regalo para os olhos... um nunca acabar da gente caír extatico de admiração...

**Baroneza**

Ah!.. ah!.. não querem vêr que deu agora em namorado...

**Barão** *(a Jorge)*

Então ella ri!?

**Jorge** *(levantando os hombros)*

Se lhe parece...

**Barão** *(serio)*

Não se ria, baroneza. Abri agora os olhos. Nunca

tinha encarado os bailes pelo seu verdadeiro lado. Agarrava-me ao voltarête, e por isso me aborrecia. De hoje em diante não será assim. Hei-de passear nas salas... conversar com as senhoras... dançar até...

Baroneza *(ironica)*

É capaz de dar em conquistador! Ah!.. ah!.. ah!..

Barão *(a Jorge)*

E não tem ciumes!

Jorge *(ao barão)*

Pelo que se vê...

Barão *(a Jorge)*

Espere que eu lhe digo. *(Alto)* Se sou capaz de dar em conquistador... *(Sorrindo)* E por que não?.. *(Fica esperando o effeito.)*

Baroneza

Endoudeceu... por força endoudeceu... ah!.. ah!..

Barão *(desnorteado, á parte)*

É que não me faço entender bem. Vou pôr os pon-

tos nos *i i. (Alto)* Olhe não se arrependa d'essas gargalhadas... Tenho sido até hoje um marido fiel... fidelissimo... Sinto-me esta noite porém, com taes propensões para a ternura... olhe, baroneza, para meu e seu socêgo, o melhor seria não irmos ao baile...

Baroneza *(ironica)*

Para meu socego?...

Barão

Sim... Depois não se arrependa. Conheço uns olhos pretos que andam a tentar-me, não sei ha quanto tempo, e que com certeza encontrarei no baile... sinto que não saberei resistir-lhe... depois não me lance as culpas... Quem a mim me avisa...

Baroneza *(reflectindo)*

Dar-se-ha caso que me queira tornar ciosa para impedir que eu sáia do seu lado? Tinha graça!.. ah!.. ah!.. ah!..

Barão *(como fulminado, a Jorge)*

Agradeço o exemplo que me deu. Serviu de muito. Descoberto... exposto... exposto ao seu ridiculo... Se esta minha mulher é tão esperta! *(Cáe n'uma cadeiro como morto.)*

Baroneza *(perseguindo-o)*

Ai! barão... meu pobre barão! Quem lhe metteu tão triste ideia na cabeça?..

D. Leonor

Querem vêr que foram conselhos de meu marido...

Baroneza

De teu marido?

D. Leonor

Sim, minha tia. Diga-me uma coisa: o commendador Figueira e a filha viuva estão em Cascaes?

Baroneza

Em Cascaes!.. Se ainda não vieram, nem tão cedo virão de Pariz.

D. Leonor *(para Jorge ameaçando-o)*

E tu a dizeres-me que a tinhas visto...

Jorge *(disfarçando)*

Enganei-me. Não acontece tanta vez enganar-se a gente.

Baroneza

E era por ciume d'ella que não querias ir ao baile?

D. Leonor

Era, confesso que era.

Baroneza

Já vejo d'onde veio a ideia. Ai! Leonor, em voltando para Lisboa, temos de nos separar, aliás teu marido é capaz de me estragar o barão.

D. Leonor

Pois dou o dito por não dito. Vou ao baile.

Baroneza

Vamos. *(Dirige-se para a porta; Leonor segue-a.)*

Jorge

Que?..

D. Leonor *(com ironia)*

Desejo que lá encontres a tua apaixonada... que está em Pariz.

Jorge *(pegando-lhe na mão e trazendo-a á frente da scena)*

Foi tudo isto um gracejo. Agora é sério: desgostas-me se fores...

D. Leonor *(hesitando)*

Sério?.. sério?..

Jorge *(com ternura)*

Se te amo tanto...

D. Leonor

O gracejo serviu-me de lição. Avalio agora o que são ciumes. *(Para a baroneza)* Desculpe-me minha tia... não posso acompanhal-a.

Baroneza

Criança!..

Barão

Bravo... bravo... *(Para a mulher)* Espero que lhe sigas o exemplo.

Baroneza *(sorrindo)*

Fazes bem. Espera... espera... *(Vae a uma meza e toca uma campainha.)*

Jorge *(a Leonor, apertando-lhe a mão)*

Contar-te-hei a minha historia.

D. Leonor

E eu tocarei a nova phantasia dos *Huguenots*.

Jorge *(alegre e feliz)*

Que felizes horas... com este luar e com o teu amor! *(Ficam com as mãos entrelaçadas revendo-se um no outro.)*

Baroneza *(á criada)*

Diga ao criado do senhor que lhe ponha no quarto de vestir, a casaca, o lenço branco, os botins de polimento... e a commenda.

Barão *(dando um pulo)*

Pois tambem a commenda?

Baroneza

Podéra. Para que lhe custou ella dinheiro? *(Olhando para Leonor)* Pobre criança, és e serás sempre... uma victima... Quem o seu inimigo poupa..

**Barão** *(a Jorge)*

Cada vez mais o admiro... Ha de ser feliz... Diz-lh'o um homem que o não soube ser. É de pequenino que... *(termina com um gesto o proverbio.)*

**Jorge** *(aperta-lhe a mão rindo e volta-se depois para beijar a mão de Leonor.)*

É assim, é. *(Cáe o panno.)*

FIM.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
PQ1
0023058

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 12 01 06 009 6